

Luíza Moreira Grisolia

PAIXÃO COMO PROJEÇÃO:
QUANDO ESSE SENTIMENTO APRISIONA

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2008

Luíza Moreira Grisolia

PAIXÃO COMO PROJEÇÃO:
QUANDO ESSE SENTIMENTO APRISIONA

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Profª Dra. Flavia Hime

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2008

Luíza Moreira Grisolia: A paixão como projeção: quando esse sentimento aprisiona, 2008

Orientadora: Flavia Hime

Palavras-chave: paixão, projeção, relacionamento amoroso, patologia.

RESUMO:

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma leitura crítica sobre o símbolo da Paixão, na perspectiva da Psicologia Analítica. Segundo Bauman (2004), os laços humanos estão extremamente frágeis e transitam entre os desejos conflitantes de estreitá-los e ao mesmo tempo de mantê-los frouxos. Diante da dificuldade dos indivíduos de manterem um relacionamento amoroso saudável na pós-modernidade, surgiu nesse trabalho uma busca de compreender o sentimento paixão enquanto projeção, com foco em seus aspectos negativos. Quando a projeção de conteúdos inconscientes se faz presente, o que ocorre é uma “não relação”, ou seja, o indivíduo acaba por manter uma relação ilusória com o outro. Esse tipo de relacionamento pode acarretar prejuízos à subjetividade, por gerar crises quando a realidade aos poucos se impõe.

Para melhor compreensão do objeto, foram utilizadas falas do livro: “Eu sei que vou te amar” de Arnaldo Jabor, que apresentam símbolos coletivos e possibilitaram um aprofundamento e maior reflexão sobre o tema, a partir do que foi pesquisado na literatura.

Foi concluído, a partir de uma revisão literária e das falas dos personagens do livro, que os indivíduos estão cada vez mais temerosos em aprofundar vínculos, pois através deles suas sombras e os Arquétipos da Anima e do Animus podem manifestar-se, fazendo com que se sintam à margem do modelo ditado pela sociedade contemporânea, que ainda preserva o ideal de relacionamento amoroso perfeito, onde não há espaço para as crises, entendida aqui como oportunidade de elaboração dos conteúdos inconscientes. Além disso, é cada vez maior a importância dada ao prazer individual e instantâneo a qualquer custo, o que pode tornar as vivências vazias e sem sentido.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço à minha família, a qual devo tudo o que sou hoje e que sei que posso contar sempre:

À meu pai, por me possibilitar a conclusão do curso de Psicologia, além de me ajudar em tantas outras coisas. Minha gratidão é eterna.

À minha mãe, que desde que eu era pequena, me apresentou a Psicologia e a vida. Por estar sempre do meu lado, torcendo por mim e me ajudando, mesmo nos piores momentos. Agradeço sua paciência com minha intolerância nos momentos de briga com o computador. Meu amor e admiração são incondicionais e imensuráveis.

À minha orientadora, Flávia Hime, que em todos os momentos esteve de braços abertos para acolher todas as minhas angústias e sempre me apoiou na construção do trabalho. Muito obrigada por se envolver com meu tema inteiramente e sempre me incentivar, com toda dedicação e carinho.

À Eloisa Penna, que me apresentou a complexidade e beleza da teoria da Psicologia Analítica, além de me mostrar a importância da pesquisa para o conhecimento do coletivo.

À minha terapeuta, Carolina, pelo suporte que vem me dando em um momento tão importante de minha vida e por me ajudar a enxergar com mais clareza minhas questões.

Aos meus amigos e colegas da PUC-SP, que muitas vezes me acolheram e dividiram comigo as angústias do término da faculdade.

Às minhas amigas queridas, que acompanharam e compartilharam muitos momentos de minha vida: Tica, Yara, Maíra, Nanda, Paulinha. Sem vocês a vida não teria graça. Obrigada pela compreensão em meus momentos de ausência e pelas intermináveis DR's ao telefone, o que me deu força para continuar o trabalho.

E finalmente, ao meu namorado e companheiro, que me agüentou nos momentos de crise e que tem o poder de me acalmar quando estou estressada. Obrigada pelo incentivo e por me proporcionar momentos de pura alegria, obrigada por deixar a vida mais leve.

Sumário:

1 Introdução.....	1
2 Histórico do Amor/Paixão.....	5
3 Relacionamentos na contemporaneidade.....	10
4 Amor e Paixão à luz da Psicologia Analítica.....	20
5 Símbolo, Inconsciente e Arte.....	35
6 Método.....	39
7 Análise e discussão.....	42
8 Conclusão.....	70
9 Considerações finais.....	73
Referências bibliográficas.....	75

Introdução

“É da natureza do amor ser refém do destino”

Lucano

O presente trabalho tem como tema a paixão enquanto projeção e sua possível patologização.

A origem da palavra Paixão vem do termo grego “pathos” que significa patologia ou doença, ou seja, um padecimento da alma originado por um sentimento amoroso excessivo. No latim, a origem da palavra é sofrimento. A palavra paixão originalmente designava o modo como a alma ou a psique é afetada de fora, ou seja, como ela é passiva diante das impressões que recebe. Ela indicava qualquer emoção profunda, positiva ou negativa.

Atualmente tenho visto muitos casais que se encontram prisioneiros de seus relacionamentos amorosos, que inexplicavelmente mantêm a união de forma doentia, de modo a perder a individualidade e a liberdade pessoal, vivendo assim uma experiência de extrema dependência com o outro.

“No passado, as inter-relações pessoais foram iniciadas por emoções tais como amor e ódio e reguladas mais por padrões coletivos do que por padrões pessoais. Hoje somos cada vez mais pressionados a desenvolver nossas ligações interpessoais, a entrar em acordo uns com os outros, com base em sentimentos pessoais individuais – portanto imprevisíveis – não sujeitos a regulamento normativo (...) temos de lidar com o parceiro individualmente com base na aceitação de uma pessoa inteira por uma pessoa inteira, e não em conformidade com padrões e códigos coletivos. Este é um desafio relativamente novo e altamente problemático, para dizer o mínimo” (Whitmont, 1989, p. 158).

Impressiona-me a dificuldade das pessoas para manter relacionamentos saudáveis e até mesmo de romper um relacionamento que está destruindo sua individualidade e só traz prejuízos à sua vida. Muitas vezes os relacionamentos

ficam entre dois extremos, ou superficiais e passageiros, ou de máxima dependência e limitação.

Na sociedade capitalista e individualista em que vivemos, privilegia-se o presente como instante fugaz e perde-se o interesse pelo passado e pelo futuro. O que prevalece é o ideal de aproveitar o momento, os indivíduos querem prazer instantâneo e não se importam com os outros ao seu redor, não há tempo para se cultivar um relacionamento, tudo é descartável. A sociedade contemporânea é narcisista: os indivíduos vivem na condição de Narciso, incapazes de atar os laços do passado e do futuro e conseqüentemente incapazes de amadurecer.

Essa dificuldade parece estar presente na pós-modernidade, quando não se encontrou uma forma de relacionamento ideal, mas busca-se, pela experimentação, vários meios de vinculação que possam satisfazer as necessidades pessoais e relacionais. Entretanto somos ainda herdeiros do amor romântico, presente a partir do final do séc. XVIII. Esse tipo de vínculo era caracterizado por relações hierárquicas, fundadas no binômio homem provedor – mulher cuidadora, sendo esta submetida. A célula familiar reproduzia a ordem social, fortemente patriarcal.

“... o modelo patriarcal de relacionamentos pré-estabelecidos não atende as necessidades atuais. O que deve ser buscado é um novo modelo em que as relações respeitem a individualidade de cada um” (Vargas, 1986, p.9).

O que se entende neste trabalho pelo termo pós-modernidade pode ser melhor explicado por Penna (2006):

“A literatura contemporânea tenta distinguir pós-modernidade, pós-modernismo e pós-moderno. Pós-modernismo refere-se a movimentos ou escolas de artes, e freqüentemente, o termo está associado a estilo artístico ou de vida. A pós-modernidade é considerada, em geral, como o tempo atual, no sentido de época, quase sinônimo de atualidade, sendo

que alguns autores usam pós-modernidade e pós-modernismo de modo intercambiável” (p. 15).

Quando experienciamos estar apaixonados, vivemos um turbilhão de sensações e sentimentos, que podem chegar ao ponto de arriscar a estabilidade e estruturação do ego, por tratar-se de uma experiência que coloca o indivíduo em contato com camadas muito profundas da psique. Por isso, geralmente a paixão já vem acompanhada de medo e muitas vezes provoca reações de fuga.

“O amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos a ignorar suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor. Tudo no mundo parece de repente viçoso, embora talvez ao mesmo tempo não consiga captar o interesse do indivíduo que está fortemente ligado ao objeto de amor. O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios” (Giddens, 1996, p. 48).

Segundo Miller (1995), os relacionamentos humanos são a trágica necessidade da vida humana, nunca são inteiramente satisfatórios, cada ego passa metade do tempo procurando-os com avidez e a outra metade, afastando-se deles.

Diante dessa vivência tão impactante e de grande intensidade, a paixão é um tema a ser pesquisado por poder colocar em risco a integridade do ego quando vivida de maneira patológica, além de ser necessário encontrar na atualidade diferentes formas de se relacionar, que respeitem a individualidade de cada um, promovam seu crescimento e saúde psíquica e relacional.

No primeiro capítulo faremos um breve histórico do amor e da paixão, que mostrará como essas concepções são sócio-históricamente construídas, se

transformando ao longo do tempo e de acordo também com cada cultura. Apesar de muitas mudanças, vemos até hoje heranças de ideologias do passado, como o mito do amor romântico, que surgiu no séc. XVIII e está presente até hoje na cultura ocidental, gerando sintomas coletivos e não apenas nos indivíduos.

O segundo capítulo fala dos relacionamentos na pós-modernidade, de tudo o que vemos de novo na forma como se relacionam os indivíduos. As experimentações e novas formas de relacionamento surgem de acordo com as necessidades humanas e com as mudanças sócio-culturais.

Após contextualizado o fenômeno, o terceiro capítulo diz respeito às referências teóricas da Psicologia Analítica e o que esta compreende pela paixão. Segundo literatura pesquisada, essa abordagem vê a paixão como projeção, ou seja, quando uma pessoa se diz apaixonada, ela está projetando seus conteúdos internos inconscientes em outra pessoa. Nesse caminho para tornar esses conteúdos conscientes, os indivíduos passam por muitas crises, que podem provocar sentimentos de raiva, possessão, ciúmes e dependência.

O quarto capítulo fala da relação do símbolo com o inconsciente e com a Arte. Sendo esta uma pesquisa realizada à luz da Psicologia Analítica, é de essencial importância que se investigue elementos inconscientes. Porém, o acesso a esses conteúdos só é possível através do símbolo, que faz uma ponte entre o mundo consciente e o mundo do inconsciente. O homem se expressa através da arte, considerada aqui como simbólica. Assim podemos ter acesso a elementos da psique e do inconsciente através das manifestações artísticas.

Em seguida, apresentaremos o Método onde explicitamos que o objetivo desse trabalho é fazer uma leitura simbólica, crítica e reflexiva sobre a Paixão na Pós-modernidade, utilizando o referencial teórico da Psicologia Analítica. Para isso, os instrumentos escolhidos serão aqueles que permitem o acesso a conteúdos inconscientes relacionados ao tema, acesso esse permitido através da Arte Cinematográfica e da Literatura. Serão utilizadas falas do filme: “Eu sei que vou te amar” e/ou o livro “Eu sei que vou te amar” de Arnaldo Jabor.

Após esses cinco capítulos, se seguirão a Análise e Discussão do material coletado, a Conclusão e as Considerações Finais.

Histórico do amor/paixão

O amor e a paixão se destacam nas relações interpessoais, ligando homens e mulheres em relacionamentos conjugais, afetivos, sexuais, que são resultado de um processo sócio-histórico.

Costa (1998) afirma que, além de um sentimento, o amor é uma narrativa social: pode ser reinventado, transformado, para se adequar melhor às necessidades humanas em cada momento histórico.

O amor a Deus – *caritas* – predominou no imaginário amoroso da Alta Idade Média e na mentalidade cristã ocidental até a revolução cultural ocorrida entre 1500 e 1700. Era considerado um amor puro e incondicional.

O mito do amor romântico surge a partir do final do séc. XVIII e faz culto ao sofrimento e à insatisfação do desejo. Segundo Hime (2004), este tem origem no amor cortês, onde a Dama substitui a imagem de Deus como objeto de desejo:

“O cavaleiro que servia sua dama, por amor transformava a sensualidade em ânsia de sacrifício, na coragem para correr perigos, de ser forte, de sangrar se preciso, diante da amada. O sonho de heroísmo, concretizado no amor, inundava o coração apaixonado; a fantasia de sofrimento e renúncia se desenvolvia. Além de sofrer, o homem almejava salvar do perigo ou do desespero o objeto de seu desejo: defender a virgindade ameaçada, superar o rival, etc” (p. 19).

O amor romântico está presente ainda hoje nas crenças amorosas: ele caracteriza-se pela busca infundável pelo objeto amado - como se existisse uma pessoa certa e ideal - e se assemelha muito à idéia de amor de Platão, em seu livro O Banquete. A ele são atribuídos muitos sentidos, dentre eles: um impulso dirigido a outra pessoa; uma composição afetiva feita de desejo, falta, sofrimento, e nostalgia pela perda ou ausência do objeto de desejo idealizado; alegria quando é possuído, etc. (Costa, 1998).

Segundo Miller (1995), a sociedade conseguiu domesticar o amor romântico, mantendo-o dentro dos limites através de tabus sexuais. Porém, ele

nunca pode ser totalmente domado. Diante dele surge um profundo impulso interior que começou a agitar uma luta psicológica e social contra as razões mais objetivas e antigas de manter um relacionamento conjugal.

Segundo Giddens (1996):

“O amor romântico depende da identificação projetiva do *amour passion*, como processo pelo qual os parceiros potenciais tornam-se atraídos e, então, unem-se. A projeção cria aqui uma sensação de totalidade com o outro, sem dúvida intensificada pelas diferenças estabelecidas entre a masculinidade e a feminilidade, cada uma delas definidas em termos de uma antítese. Os traços do outro são “conhecidos” em uma espécie de sentido intuitivo. Mas em outros aspectos, a identificação projetiva vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade” (p. 72).

O *amour passion* ou amor-paixão distingue-se do amor romântico por haver uma ligação direta entre amor e sexo. Caracteriza-se por entrar em conflito com as obrigações e atividades das rotinas do cotidiano, em decorrência da sensação de urgência e encantamento que gera. Fundamenta-se na identificação projetiva e inclina-se ao sacrifício e às escolhas radicais. Tende a se transformar no amor romântico, quando o amor sublime predomina sobre o ardor sexual (Giddens, 1996).

Na aristocracia diferenciou-se a sexualidade casta do casamento e o erotismo das relações extraconjugais. O amor estava associado aos valores morais da cristandade, sendo um instrumento para se chegar a Deus pela união do homem e da mulher. O sexo no casamento não tinha a finalidade do prazer e era destinado à reprodução. Hime (2004) diz que no final do séc. XIX, pela primeira vez na história convergem no casamento, considerado como instituição social, as expectativas de viver o amor e a sexualidade completa e satisfatória.

Historicamente as mulheres têm sido divididas entre as “virtuosas” e as “perdidas”, sendo que estas viviam à margem da sociedade respeitável. Giddens (1996) fala que a “virtude” de uma mulher era considerada em termos de sua

recusa em sucumbir às tentações sexuais, sendo esta amparada por várias instituições sociais, como o namoro vigiado e o casamento. Elas teriam de abdicar de si mesmas em nome da dependência do outro. Os homens, no entanto, tem sido tradicionalmente considerados como tendo uma necessidade de variedade sexual, tanto antes como depois do casamento e nos parece que esse pensamento ainda persiste em nossa sociedade atual, revelando uma dupla moral sexual.

Já no século XX, nos anos 60-70, a revolução sexual, com a descoberta de métodos contraceptivos e com o movimento feminista, permitiu uma maior autonomia e menor repressão sexual às mulheres, trazendo conseqüências no comportamento tanto dos homens quanto das mulheres. A entrada das últimas em massa no mercado de trabalho, associada a questionamentos das várias minorias, levou a reivindicações relativas à igualdade de direitos entre as diferentes classes sociais, entre os gêneros, as raças, as etnias, etc. A partir de então, começou-se a experimentar outros tipos de relacionamentos, procurando tornar o amor livre das convenções sociais. Giddens (1996) comenta :

“Do ponto de vista dos gêneros masculino e feminino, a “revolução sexual” dos últimos trinta ou quarenta anos não é apenas, ou mesmo primariamente, um avanço neutro na permissividade sexual. Ela envolve dois elementos básicos. Um deles é a revolução na autonomia sexual feminina – concentrada naquele período, mas possuindo antecedentes que remontam ao séc. XIX. Suas conseqüências para a sexualidade masculina são profundas e trata-se muito mais de uma revolução inacabada. O segundo elemento é o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina. Homossexuais de ambos os sexos demarcaram um novo campo sexual bem mais adiante do sexualmente ortodoxo” (p. 38).

Como podemos observar, as mudanças ainda estão ocorrendo na maior parte das sociedades ocidentais. O padrão de família tradicional, composto por pai provedor e mãe cuidadora deixou de ser o único. O divórcio vem romper com a

idéia de amor eterno e instalam-se outros tipos de relacionamentos, com diversas composições possíveis, como: relações de intimidade sem compromisso de exclusividade, relacionamentos homossexuais, etc. A confiança nessas novas formas de se relacionar pode se tornar ameaçada:

“As relações de parentesco costumavam ser, com freqüência, uma base de confiança tacitamente aceita; hoje em dia, a confiança tem de ser negociada e barganhada e o compromisso é uma questão tão problemática quanto nos relacionamentos sexuais” (Giddens,1996, p. 109).

Atualmente, a garantia de compromisso tem de ser negociada pelo casal por palavras e atos que garantam que o relacionamento pode ser mantido por um período indefinido. Hime (2004) diz que muitas vezes o discurso é um e a prática é outra: *“o modelo internalizado não condiz com o ideal em mente, levando as pessoas a atitudes dissonantes em relação à forma de pensar e agir”* (p. 34). Podemos observar um certo liberalismo no discurso, onde as pessoas falam em democracia, liberdade e direitos iguais, porém na prática podemos observar muitos preconceitos e repressões sociais.

As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, o que acarreta um esforço de ambos os sexos para lidar com novas situações. O individualismo na sociedade contemporânea substituiu o familismo e o interesse pessoal se sobrepõe ao coletivo, tornando a missão de ter um relacionamento amoroso cada vez mais complicada.

“A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar” (Giddens,1996, p.18).

Cabe a nós, tanto profissionais da Psicologia como indivíduos que buscam relações satisfatórias, um trabalho nada fácil de nos questionarmos sobre crenças sociais relativas ao amor e sobre a necessidade das pessoas se posicionarem diante de suas escolhas, equilibrando a individualidade e a relação amorosa.

Relacionamentos na contemporaneidade

Segundo Giddens (1996), a palavra relacionamento puro refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que se pode ser derivado por cada pessoa na manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem delas satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.

As mudanças sociais nos relacionamentos amorosos estão ocorrendo na maior parte das sociedades ocidentais – e em alguma extensão também em outras partes do mundo, com divergências significativas de acordo com cada país, cultura e camadas sociais diferentes.

Segundo Bauman (2004), o momento em que vivemos traz uma extrema fragilidade dos laços humanos, que é chamada por ele de amor líquido. Essa forma de relacionar-se transita entre desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Surge então um aspecto importante dos relacionamentos que é a confiança/desconfiança no parceiro.

“Enquanto vive, o amor paira à beira do malogro.(...)E não sabe o que está pela frente e o que o futuro pode trazer. Nunca terá confiança o suficiente para dispersar as nuvens e abafar a ansiedade. O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável.(...)Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar” (Bauman, 2004, p. 23).

Nessa tentativa de estreitar seus laços, podemos observar atualmente o que Giddens chama de relacionamento co-dependente. Esse acontece quando o indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro e suas atividades passam a ser dirigidas por algum tipo de compulsividade. Se transforma em um relacionamento fixado, sendo a própria relação o objeto de vício.

“Nos relacionamentos fixados, os indivíduos não constróem suas vidas em torno dos vícios preexistentes de outras pessoas; mais que isso, necessitam que o relacionamento proporcione uma sensação de segurança que de outro modo eles não conseguem encontrar. Em sua forma mais benigna, os relacionamentos fixados são aqueles consolidados no hábito. Tais relacionamentos são muito mais turbulentos quando as pessoas em questão estão vinculadas por formas de antagonismo mútuo das quais são incapazes de se libertar” (Giddens, 1996, p. 102).

Esse tipo de relacionamento impede a exploração reflexiva da auto-identidade. A tendência do indivíduo é manter uma identidade falsa, construída a partir das ações ou das necessidades de seu parceiro amoroso. O eu tende a fundir-se com o outro em um relacionamento viciado. O outro preenche um vazio que tem relação direta com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro. O exagero da participação na vida do outro geralmente é entendido pelo casal como prova de amor, é como se o relacionamento tivesse que ser a única e exclusiva fonte de prazer do casal.

Em nossa cultura ainda predomina o pensamento de que só é possível ser feliz vivendo uma relação amorosa, compartilhando sua vida com um outro. O casamento por amor e com uma vida sexual ativa, passou a ser sinônimo de felicidade e uma meta a ser alcançada. Segundo Miller (1995), o casamento pode ser considerado como uma instituição adequada para preencher as necessidades do sexo confiável, de segurança emocional, e de algum alívio para uso e abuso da luta pela sobrevivência, junto com benefícios econômicos e sociais que puderem advir da união.

Em contrapartida, há cada vez mais casais se separando e cada vez menos casamentos sendo celebrados (Lins, 2006). Sabemos que a duração do relacionamento não é mais o critério pelo qual avaliamos a qualidade do relacionamento amoroso e conjugal. Souza (2008) diz que o aumento crescente no índice de divórcios entre os extratos mais velhos da população, mostra que valores associados à satisfação conjugal e pessoal se tornaram proeminentes

mesmo para aqueles que casaram-se na época do “para sempre”, quando não existia o divórcio.

O divórcio consiste em um processo de fortes mudanças emocionais, é comum produzir sentimentos de raiva, ansiedade, tristeza, instabilidade, etc. A separação trará mudanças na rede social e a possibilidade de relacionamento sexual e de intimidade se modificará de modo nem sempre tão rápido e positivo. A separação interna em relação ao parceiro implica desinvestir na relação e passar a investir no eu, o que pode gerar descontentamentos, brigas, amargura, culpa, desvalorização de si, depressão, etc. O núcleo emocional do divórcio é o desapego em relação ao parceiro. O processo se caracteriza por fases: resolver divorciar-se, dizer ao cônjuge e à família e deixar o companheiro (Souza, 2008). Essas transições se caracterizam por ambivalências, dúvidas, medos, incertezas, etc. O rompimento do projeto a dois define uma sentença de morte recíproca: o outro morre em vida, mas morre dentro de mim... E eu também morro na consciência do outro. É um processo de rupturas e busca de novas respostas. Souza (2008) explica melhor o processo de luto do divórcio:

“Quem se divorcia, mais cedo ou mais tarde, terá de se haver com a desilusão quanto ao projeto social de casamento atemporal, vivenciando a sensação de fracasso por não ter sido um dos eleitos do “para sempre”; dar-se conta da desilusão e da mágoa em relação ao parceiro que o (a) rejeitou ou a raiva porque este (a) não satisfaz seus desejos e, finalmente, a desilusão consigo mesmo (a), confrontando a própria incompetência e impotência por não ter sido capaz de enganar a finitude” (p. 59).

Na maior parte das vezes, são as mulheres que expressam e verbalizam a insatisfação conjugal (Souza, 2008). Podemos supor que um dos motivos deste fato pode ser pela opressão e pelos sacrifícios vividos pelas mulheres no casamento ao longo dos séculos, que foram encarregadas das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos, além de ter que desenvolver um projeto profissional com sua entrada no mercado de trabalho. As metas dos relacionamentos conjugais na

atualidade seriam de equidade e comprometimento na relação, que envolve divisão de tarefas e responsabilidades.

Porém, podemos observar o que Vicente Miller (1995) fala da “cultura do abuso”, ou seja, da busca de poder entre os parceiros, onde um tenta desmoralizar o outro. O mundo do romance foi trocado pelo da política, a intimidade moderna transformou-se em poder, onde os homens encontram-se temerosos de responsabilidades e as mulheres com medo de serem escravizadas pelo parceiro. O autor fala do “*Terrorismo Íntimo*”, que se caracteriza por relações de decepções inevitáveis, que resultam em amargas lutas entre homens e mulheres, movidos por ansiedade e ressentimentos. A ansiedade aqui é entendida pela tentativa de controlar o que não pode ser controlado. Uma das principais funções do terrorismo íntimo é a de manter o relacionamento, mesmo que isso se consiga pelo sofrimento e pela coerção, em vez de por prazer e escolha. Segundo ele, a batalha dos sexos nunca teve trégua, apenas se disfarça vez por outra de ternura. Conflitos crônicos podem acontecer quando os parceiros íntimos se deixam cair no círculo vicioso dos medos-ansiedades complementares que cada um tem, de ser abandonado e engolido pelo outro. A ansiedade gera a busca de poder entre os parceiros, que atacam uns aos outros nos seus pontos mais vulneráveis. Ralph Waldo (*apud* Miller, 1995), diz que não há terror que se compare ao de ser conhecido. Toda relação íntima tem de levar em conta as necessidades de cada membro, tanto para o estar juntos, como para a autonomia (Miller, 1995).

Segundo Souza (2008), a satisfação conjugal é um conceito que pode variar de cultura para cultura e dentro da mesma cultura em diferentes momentos históricos. Ela é subjetiva, implicando ter os próprios desejos e necessidades satisfeitos, assim como responder ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se a sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam a intimidade do relacionamento.

Lins (2006) fala a respeito da relação conjugal e seus aspectos negativos:

“A relação amorosa e sexual com a mesma pessoa por um tempo prolongado leva à falta de estímulo e interesse. Tudo fica repetitivo e sem graça. (...) A conjugalidade é regida por leis e regras que limitam não só o sexo, mas a própria vida. Há inúmeras cobranças, como tarefas, comportamentos e horários. Um se mete nas questões do outro com palpites, exigências e críticas. O sexo é o que temos de biológico mais ligado ao emocional e, com certeza, é afetado. Na rotina, o tesão sai de cena” (p. 185).

Segundo Miller (1995), o sexo no relacionamento pode ser utilizado como arma entre os casais, em sua luta pelo poder. Também pode ser utilizado como instrumento com o qual fazemos um diagnóstico de nós mesmos, do nosso parceiro e da relação. Ele é um dos grandes motivos da insatisfação no relacionamento.

Diante da falência das instituições de relacionamentos sociais, como o casamento, que era tido como uma “condição natural” de durabilidade certa, os parceiros atualmente tem de proporcionar por palavras e atos algum tipo de garantia à outra pessoa de que o relacionamento pode ser mantido por um certo período de tempo. Só assim conseguirão desenvolver uma história compartilhada e criar um compromisso.

Essa confiança e conseqüentemente segurança entre os casais dependerá muito da comunicação que existe entre eles. Segundo Giddens (1996):

“O equilíbrio da abertura, da vulnerabilidade e da confiança, desenvolvido em um relacionamento, determina se os limites pessoais transformam-se ou não em divergências que, em vez de estimular, obstruem tal comunicação” (p. 106).

Porém, mesmo diante da infelicidade conjugal presente em grande parte dos casamentos atuais, algumas pessoas continuam optando por casar-se. Lins (2006) fala a respeito dessa idéia:

“Aprisionadas pela tirania de uma moral que determina o certo e o errado, o bom e o mau, pessoas solteiras, separadas e viúvas buscam no casamento sua parcela de felicidade. A mudança na forma de pensar e viver gera medo e ansiedade, sendo mais fácil optar pelo já conhecido, apesar das frustrações. Contribuem para isso a família, os amigos, a escola e os meios de comunicação. Não existe novela sem casamento no final” (p. 171).

As escolhas das pessoas muitas vezes vão de encontro com as normas sociais de conduta e contra as aspirações individuais mais legítimas. Fazer escolhas com liberdade ainda é difícil, e quem acaba pagando o preço são os indivíduos, com o sacrifício de seu prazer individual. Por outro lado, as pessoas ainda têm como meta não só a realização pessoal, mas também a satisfação na relação amorosa e conjugal. Isto muitas vezes, inclusive, leva ao divórcio: abre-se mão de “um” amor em busca do Amor.

Alguns autores afirmam que o desejo sexual por outras pessoas constitui parte natural da pulsão sexual, que é normal e nada tem haver com a moral. Por mais que tentemos reprimi-los, esses desejos sempre estarão presentes. Algumas pessoas encontram no relacionamento extraconjugal uma maneira de satisfação desses desejos, outras estão tentando novas possibilidades, através da “amizade no amor”.

“Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais” (Giddens, 1996, p.25).

O autor fala da sexualidade plástica como um sinal de transformação das relações de intimidade: o sexo desvincula-se não só da procriação, mas não

pressupõe necessariamente nem a monogamia nem a heterossexualidade, podendo inclusive estar desvinculado do amor.

Lins (2006), fala que vivemos um período de grandes transformações no que diz respeito ao amor, que o dilema localiza-se entre o desejo de simbiose com o parceiro e o desejo de liberdade. No mundo individual em que vivemos, não existe mais espaço para concessões em nome do amor, em seu lugar entra a preocupação com os próprios interesses. Os relacionamentos passam a ser cada vez mais curtos e a duração da relação passa a ser um ideal e não uma obrigação.

“Novos mundos, novos sujeitos, novas emoções. No momento estamos, pouco a pouco, aceitando que a experiência amorosa é fugaz e seu destino é a provisoriedade. Resta saber, portanto, para onde vai migrar a vontade de ir além do bom senso, o desafio de realizar o impossível ou o ímpeto de vencer a brevidade, em matéria de felicidade emocional. O amor romântico encarnava essas promessas. Em sua ausência, quem ou o que vai se ocupar do sentido da vida de cada dia ou da fantasia da redenção afetiva? Ainda o mesmo amor? Outras formas de amar? Ou outras maneiras de criar um mundo emocional sem a onipresença do romantismo? Difícil de responder; impossível não querer responder; a cada um a tarefa de procurar responder” (Costa apud Lins, 2006, p. 389).

Falamos acima da saída do amor romântico de cena, para a entrada de novas formas de relacionamentos afetivo-sexuais, que possibilitam o respeito, a amizade, a cumplicidade e a satisfação sexual. A tendência é que essas relações se tornem mais livres e por esse motivo, mais satisfatórias (Lins, 2006).

Entre o que podemos observar na contemporaneidade de mais novo, segundo Lins (2006), estão os relacionamentos virtuais, o Poliamor, a monogamia seqüencial, o *Ménage à trois*, o *Swing*, a chamada amizade colorida e ainda há a opção de viver “sozinho”. Não sabemos se estas novas formas de se relacionar possibilitam o respeito, a amizade e a satisfação sexual, nem se possibilitam o desenvolvimento individual, para descobri-lo seria necessário uma nova pesquisa.

Porém, achamos interessante descrevê-las brevemente, apenas com a intenção de mostrar as diferentes formas de se relacionar na pós-modernidade.

A Internet, ao mesmo tempo que pode proporcionar relacionamentos comerciais e culturais, também possibilita relacionamentos afetivos e encontros, apesar de muitas vezes estes não chegarem às vias de fato, ou seja, os encontros não se concretizam pessoalmente e sim virtualmente. Em depoimentos, os usuários dizem que sua vantagem é de não ter como impedimento a beleza como premissa para gostar de alguém. Após muitos encontros em *chats* e salas de bate-papos, as pessoas podem adquirir um alto grau de intimidade, até que se sentem livres para a prática do sexo virtual.

O Poliamor consiste na idéia de se amar várias pessoas ao mesmo tempo: recusa-se a monogamia como princípio ou necessidade. Defende-se a possibilidade prática de estar envolvido de modo responsável em relações íntimas, profundas e eventualmente duradouras com vários parceiros simultaneamente. No Poliamor, uma pessoa pode amar seu parceiro fixo e amar também pessoas com quem tem relacionamentos extraconjugais, ou até mesmo ter relacionamentos amorosos múltiplos em que há sentimento de amor recíproco entre todos os envolvidos. Lins (2006) explica: *“A idéia principal é admitir essa variedade de sentimentos que se desenvolvem em relação a várias pessoas, e que vão além da mera relação sexual”*. O “ficar”, como forma de experimentação na adolescência, é antecessor do Poliamor, eles tem em comum a inexistência do desejo de posse e domínio sobre o outro.

A chamada monogamia seqüencial se deu como possibilidade quando em nossa sociedade a separação no casamento deixou de ser um tabu e de ser vista com preconceito. Cada dia mais pessoas se separam de seus casamentos e acabam por casarem-se novamente à procura de um relacionamento monogâmico satisfatório, reproduzindo várias vezes esse padrão relação – rompimento – nova relação.

O *Ménage à trois* já é muito antigo em sua prática, porém cada vez mais utilizado dentro dos casamentos de comum acordo entre o casal, para sair da rotina e reavivar o desejo sexual. Na maioria dos casos, consiste em um casal

heterossexual que se envolve sexualmente com outra mulher ou com outro homem, sendo a terceira parte tratada como um brinquedo a ser usado, como objeto. Em outros casos, as três pessoas estabelecem um vínculo e desenvolvem uma relação estável. Os adeptos dessa prática, o fazem para defender a própria família ou para acabar com ela de vez.

“O adultério e o *Ménage à trois* compartilham no seu início um desejo de viver plenamente. Mas rapidamente tomam caminhos diferentes. O adultério floresce sobre a suspeita, o ciúme e a raiva. O *ménage à trois* exige honestidade e, no mínimo, a aquiescência dos três. Sua plena cooperação produz melhor resultado. E talvez seja seu segredo” (Lins, 2006, p. 419).

O *Swing* é outra prática entre os casais que chegou à classe média no ocidente no final da década de 1970, embalada pela revolução sexual e está em alta. No Brasil, cada vez mais são abertas casas de *Swing*, com o fim da troca de casais. Nessas casas só é permitido a entrada de casais, com exceção de alguns dias da semana quando é permitida entrada de solteiros. Além de casas especializadas, existem publicações de jornais e revistas para que os casais possam se anunciar e marcar encontros.

A amizade colorida também vem sendo praticada desde a revolução sexual e consiste na relação de amizade entre um casal homossexual, bissexual ou heterossexual, que tem práticas sexuais. Nessa relação está implícita a ausência de compromisso de ambas as partes e a sinceridade.

Há ainda aqueles que preferem viver sozinhos, mantendo relações sexuais esporadicamente, porém sem se envolver profundamente com ninguém. Nesses casos, é perigoso que a pessoa utilize dessa forma de viver como defesa do medo de se envolver e acabe por experimentar apenas vivências vazias.

O que podemos observar em comum nessas diferentes formas da pós-modernidade de ter relações afetivo-sexuais é o respeito à vontade e ao desejo de cada um. É difícil imaginar se essas práticas citadas acima vão se consolidar como instituições sociais ou se são apenas fenômenos casuais. Mas com certeza,

essas novas formas de relacionamento na contemporaneidade sinalizam uma separação entre amor e sexo e uma revolução social no significado do verbo amar.

Amor e Paixão à luz da Psicologia Analítica

Este estudo tem a intenção de compreender o fenômeno paixão à luz da Psicologia Analítica, partindo do pressuposto de que essa experiência é arquetípica, pois desde a antiguidade esse tema é recorrente, surgindo na população como uma vivência coletiva, revelando componentes conscientes assim como aspectos referentes ao inconsciente pessoal e coletivo.

Não pretendemos com esse capítulo abarcar todos os conceitos teóricos desenvolvidos por C. G. Jung, e sim explicitar algumas concepções relevantes para o desenvolvimento do trabalho, buscando trazer maior entendimento e compreensão do fenômeno estudado.

No paradigma junguiano cultura e indivíduo estão sempre em inter-relação, afetando-se mutuamente. Assim, a **consciência coletiva** pode ser entendida como o conjunto de valores e atitudes presentes em determinada cultura. Há também a **consciência individual**, como Stein (2006, p. 24) explica: “(...) A consciência é, muito simplesmente, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É o estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós”.

Segundo Jung (2002), o **ego** é visto como o sujeito e o centro da consciência e da identidade pessoal. É ele que nos dá a sensação de sermos um processo com início, meio e fim. Ele é constituído a partir do momento em que o indivíduo passa a ter a percepção do corpo e da existência e também pelos registros da memória. O ego se relaciona com as imagens do inconsciente, com os símbolos, o que, portanto, permite o auto-conhecimento e o desenvolvimento da consciência. É ele que possibilita a realização do potencial de cada indivíduo, por seu esforço de tornar conteúdos inconscientes, conscientes.

Outro conceito que se relaciona diretamente com o ego é a **Persona**, elemento fundamental de adaptação desse em relação ao mundo externo. Ela funciona como uma máscara, que o ego se utiliza para conseguir se relacionar com o mundo em resposta à necessidade de adaptação social. Pode ser considerada como uma forma de identidade psicossocial que o indivíduo assume

após passar pelo processo de educação e adaptação aos meios físico e social (Stein, 2006).

“(…) A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo” (Jung *apud* Tognini, 2007, p. 41).

O **inconsciente** para Jung não se resumiria apenas a tudo que há de desconhecido, mas antes disso é o psíquico desconhecido, ou seja, ele é o elemento inicial do qual brotaria a condição consciente. É importante ressaltar que ele não é apenas o lugar do reprimido, como falava Freud, mas ele também é o lugar de conteúdos que já foram conscientes, mas foram esquecidos por perderem sua intensidade, em função de uma incompatibilidade com a atitude consciente (Faria, 2003). Além do inconsciente pessoal, também denominado por Jung de sombra, de que falaremos mais adiante, existe uma camada inconsciente mais ampla chamada de **inconsciente coletivo**. Ele é o mais influente sistema da psique, corresponde a camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens. Tido como inato, diz respeito a conteúdos universais herdados do passado ancestral, acumulado de experiências repetidas durante várias gerações. O inconsciente coletivo é inerente a todos os seres humanos e comum a todos eles. Como Faria (2003) explica, o inconsciente coletivo se relaciona com os arquétipos:

“(…) À medida que nos afastamos da consciência, penetramos numa região mais inacessível, em que se colocaria o mundo arquetípico, o inconsciente coletivo, fonte das possibilidades humanas, composto de estruturas inerentes ao ser: os arquétipos” (p. 30).

Os **Arquétipos** formam a base dos padrões de comportamentos universais, originários e instintivos, portanto não aprendidos. São herdados da natureza

humana e estão presentes em todo o tempo e lugar, porém não são passíveis de representação imagética, sendo perceptíveis para a consciência apenas pelo seu efeito em imagens e motivos arquetípicos. Eles estruturam ações, reações, pensamentos e sentimentos, porém o que é herdado não são as imagens propriamente ditas e sim a capacidade de termos tais imagens.

“O conceito de arquétipo... deriva da observação reiterada de que mitos e contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda a parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas idéias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mais são acompanhadas de tonalidades afetivas vívidas... elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto manifestar-se espontaneamente sempre e por toda a parte” (Jung, 2006, p. 352).

Os arquétipos são núcleos de energia que, quando constelados, exercem forte atração sobre a consciência, que o recebe como uma atividade emocional. Os conteúdos da consciência se relacionam com o arquétipo, atribuindo-lhe o sentido necessário para que se expressem através da imagem, possibilitando o surgimento de um símbolo. Nesse trabalho, a paixão é compreendida como um símbolo coletivo, conceito esse que será melhor explicado no próximo capítulo.

A escolha do parceiro amoroso normalmente se dá por motivos conscientes, inconscientes e instintivos. Essa vivência se caracteriza pela busca de perfeição, de completude, sendo a sexualidade um fator importante para que ocorra o sentimento de fusão com o outro. Podemos considerar que na paixão há uma volta ao estado inicial de inconsciência, a unidade indiferenciada denominada por Neumann (2000) de Self corporal. Nessa fase, ego e Self formam uma unidade indiferenciada entre o bebê e a mãe ainda na barriga e a formação do ego

é condicionada pela experiência corporal, que recebe desde cedo as impressões do mundo. Tognini (2007) explica melhor esse conceito:

“(...) até, aproximadamente, o primeiro ano de vida o bebê mantém-se ligado à mãe por uma espécie de cordão umbilical psíquico: uma união simbiótica e indiscriminada fundamental para o desenvolvimento do eixo ego-Self, do senso de confiança no mundo e em si próprio. No início da vida o Self da criança é projetado na figura da mãe, nesse sentido, a única coisa que a criança sente como sendo dela própria é o corpo” (p. 47).

Geralmente, quando nos sentimos atraídos por alguém, a energia inconsciente nos afeta primeiramente a nível sexual, manifestando-se no corpo, o que possibilita o desvio do campo racional e controlador do ego. O corpo pode responder aos estímulos do meio com emoções como taquicardia, sudorese, aumento da velocidade da respiração, etc.

Na paixão a projeção está presente, como Sanford (1987) explica:

“Se tanto um homem quanto uma mulher projetam suas imagens positivas simultaneamente, temos aquele estado, aparentemente perfeito, de relacionamento conhecido como estarem os dois apaixonados, um estado de fascinação recíproca. Os dois declaram, então, estar ‘apaixonados um pelo outro’ e se acham firmemente convencidos de que agora encontraram o relacionamento máximo” (p. 26).

A **projeção** é um mecanismo psíquico inconsciente e automático, que ocorre sempre que um aspecto desconhecido da personalidade é ativado. É compreendido como um deslocamento e depósito de conteúdos ou processos subjetivos em determinado objeto ou pessoa. Julgamos e avaliamos objetos que estão fora de nós como se fizesse parte do outro e nada tivesse a ver conosco. *“(...) Se nós é que decidíssemos projetar alguma coisa, teríamos consciência disso e então, justamente por temos consciência, ela não poderia ser projetada. Só são*

projetados conteúdos inconscientes; no momento em que uma coisa se torna consciente, cessa a projeção” (Sanford, 1987, p. 17). O desenvolvimento da personalidade humana consiste em assimilar ou introjetar esses conteúdos exteriorizados, tornando-os conscientes como parte de nosso psiquismo.

Nessa fase, devido à projeção das imagens positivas, a presença do mágico, da perfeição, da sensação de completude nos revela o contato com o Self, ou seja, com camadas inconscientes da psique.

O **Self** é um arquétipo primordial, do qual todos os outros arquétipos e imagens arquetípicas derivam. De acordo com Stein (2006), situa-se além do domínio psíquico definindo-o como o mais impessoal dos arquétipos. É o elemento inicial que confere ao ego um senso de unidade, pois é a partir dele que o ego se forma e se expande. A sintonia com o Self acontece através da auto-regulação, movimento que ocorre naturalmente e diz respeito à dinâmica dos contrários, como por exemplo, a relação ego-sombra. Sua tarefa é manter o sistema psíquico unido e em equilíbrio. *“É o arquétipo da ordem, da organização da integração e da unificação.”* (Tognini, 2004, p. 47). Para Jung, o Self ou si-mesmo é o centro e também a circunferência completa que compreende ao mesmo tempo o consciente e o inconsciente: é o centro dessa totalidade. O corpo aparece como tradutor dos símbolos do Self, como mediador e delimitador do dentro e fora.

Não há na paixão uma relação real com o outro. O eu está em busca de si mesmo, ou seja, enxerga no outro o que gostaria de ser, fica fascinado com a expressão de características que valoriza. Acaba por criar uma imagem ilusória do outro, que de alguma forma tem de ser destruída para que a admiração torne-se consciente.

“A consequência da projeção é um isolamento do sujeito em relação ao mundo exterior, pois em vez de uma relação real o que existe é uma relação ilusória. (...) as projeções levam a um estado de auto-erotismo ou autismo, em que se sonha com um mundo cuja realidade é inatingível” (Jung *apud* Azevedo, 2001, p.36).

Segundo Albuquerque (1989), para que a paixão se torne amor, é necessário um movimento de desapego, é necessário abrir mão do desejo, ou seja, sair desse estado de fusão paradisíaco e ilusório.

Isso só é possível quando tomamos conhecimento desses motivos inconscientes que levaram à escolha do parceiro amoroso, e para que isso ocorra, as crises se fazem necessárias. É a partir das crises que a elaboração de conteúdos inconscientes pode ocorrer e que o indivíduo entra em contato com sua sombra.

A **Sombra** compõe-se de elementos pessoais e coletivos incompatíveis com a atitude consciente, e que por isso foram reprimidos. Jung a considerava o inconsciente pessoal, onde estão presentes conteúdos esquecidos ou reprimidos da vivência do indivíduo, tratam-se de conteúdos com pouca força energética. Refere-se a elementos que não são aceitos pelo ego e à parte inferior da personalidade, aos aspectos primitivos não diferenciados. Seus conteúdos não são necessariamente negativos, eles são moldados pela atitude da consciência e pelos valores culturais, os quais valorizam certos conteúdos em detrimento de outros (Tognini, 2007). A sombra representa uma personalidade parcial e autônoma, com tendências opostas ao ego e se comporta de maneira compensatória a ele. Consiste em tudo o que o indivíduo não gostaria de ser, portanto é percebida pelo ego como ameaçadora e perigosa. Quanto menos ela está incorporada à vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é. Esta pode abrigar impulsos criativos, qualidades não reconhecidas e reações apropriadas. Segundo Jung (2000), o encontro consigo mesmo significa o encontro com sua própria sombra.

Observamos, no cotidiano, que as pessoas sentem muita dificuldade de elaborar a experiência da paixão, negam-se a sair da vivência de fusão e a entrar em contato com sua sombra. Pode surgir então a possessividade, que nesse sentido revela-se como a não aceitação da perda. Assim, o potencial criativo e transformador da paixão se perde, e a experiência é vivida pelo ego de modo destruidor.

Segundo Azevedo (2001), na paixão ocorre uma desestruturação do ego, que é provocada pelo seu contato com o mundo arquetípico. Em alguns casos, o indivíduo pode ser invadido por conteúdos inconscientes e atuar sem controle, podendo prejudicar a si mesmo e aos outros, algo semelhante à vivência psicótica.

“Com frequência, os apaixonados se vinculam por seus núcleos neuróticos e mesmo psicóticos produzindo uma ligação conjugal doentia, na qual esse vínculo deve ser transformado ou rompido” (Azevedo, 2001, p.10).

Como afirma Vargas (1986), se a patologização da paixão não for resolvida, os parceiros podem continuar vivendo em mútua dependência, chegando até à agressividade e à autodestruição, sem conseguirem se separar.

Podemos supor que, nos casos patológicos, o ego não consegue elaborar a vivência, diferenciar-se do outro, aceitar o contato com a realidade que aos poucos se impõe, casos esses em que a pessoa pode até chegar ao extremo de cometer crimes passionais ou mesmo entrar em surto psicótico.

Não podemos esquecer de falar de outro aspecto negativo desse fenômeno que é a perda da individualidade. A vontade do ego não é levada em consideração, são os arquétipos que ditam as normas. Por isso, viver uma paixão é sempre arriscado, à medida que a consciência do indivíduo fica limitada e o processo é direcionado pelo Self (Azevedo, 2001).

“O desejo apaixonado tem dois lados: é a força que tudo exalta e, sob determinadas circunstâncias, também tudo destrói. É compreensível assim que um desejo ardente já venha em si acompanhado de medo, ou que seja seguido ou anunciado por medo. A paixão acarreta destinos e com isso cria situações irrevogáveis” (Jung *apud* Azevedo, 2001, p. 38).

Podemos observar em alguns casais apaixonados o comportamento de ciúme patológico, comportamento esse ativado por um complexo. **Complexo** é um conjunto de sentimentos, pensamentos, crenças, idéias, memórias e afetos, que

tem em seu núcleo um conflito inconsciente, que acaba por gerar comportamentos patológicos e conseqüentemente pode acarretar sintomas. Ele é carregado de emoção e gasta uma energia psíquica (libido) inútil. Os complexos tem origem nos arquétipos, ou seja, nos símbolos, sentimentos e valores culturais de sua época, que formam imagens humanas e padrões de comportamento universais e originários. Os complexos são formados de acordo com as vivências de cada indivíduo, associadas às constelações individuais dos Arquétipos. Ele é inconsciente e não é necessariamente conflituoso e traumático.

Jung (2006) não estabelece uma diferença entre emoção e afeto, considerando-os como sinônimos. Porém, distingue estes de sentimento, entendendo que este último poderia estar voluntariamente disponível à consciência, enquanto o afeto não estaria. O afeto é definido como “(...) *reações instintivas, involuntárias que perturbam a ordem racional da consciência com suas irrupções elementares*” (Jung, 2006, p. 272). Podemos entender o **ciúme patológico** como um afeto, já que é intenso, atrai a atenção do ego, de forma que a realidade externa pode ser ignorada ou distorcida por ele. Podem prevalecer na consciência do indivíduo conteúdos fantasiosos, relacionados ao complexo patológico e às emoções por ele provocadas. Centeville (2008) explica:

“Podemos observar que o ciúme patológico enxerga a realidade por meio das lentes dos seus complexos sombrios não integrados que o fazem ver traição onde existem apenas fatos corriqueiros. O ciúme não está sob o seu controle egóico e por isso não poderia ser considerado um sentimento” (p. 24).

Segundo a autora, o ciúme esta diretamente ligado ao complexo de inferioridade e à auto-estima, uma vez que o indivíduo em questão acredita (conscientemente ou inconscientemente) que seu rival (real ou imaginário) é superior a ele em um ou mais aspectos.

De acordo com Carotenuto (2004), o ciúme é gerado pelo medo de perder o objeto de amor e provoca muita angústia. Ele surge sempre no contexto de traição e não importa se está fundado na realidade ou não; os fatos são interpretados a

partir de uma perspectiva obsessiva, o ciumento observa os gestos da pessoa amada para confirmar suas suspeitas. Antes do surgimento desse afeto, o casal vive na ilusão da eternidade, e é somente quando se instauram as crises do relacionamento que o ciúme aparece. O autor também fala do desejo de trair do ciumento, que pode ser projetado no parceiro, fazendo com que esse pense que se ele próprio deseja trair, seu parceiro pode também desejar, ou mais do que isso, concretizar a traição. O ciúme pode servir como justificativa para controlar e vigiar a vida do parceiro.

Quando esse afeto é desqualificado e reprimido, ele passa a operar na sombra, tornando-se inadequado e destrutivo. Ele pode tornar uma pessoa intolerante, possessiva, obsessiva e agressiva, chegando ao ponto de destruir um relacionamento amoroso (Centeville, 2008).

Em contrapartida, o ciúme pode ser considerado um afeto positivo em certa medida. Esse afeto tem função de cuidar e proteger o amor, alertando a consciência sobre seus diferentes estados e limites. Segundo Byington (*apud* Centeville, 2008), o ciúme deve ser respeitado, pois assim o amor é cultivado e preservado. O autor fala que o ciúme normal é o guardião do amor, que guia e delimita seu território. Portanto, quando não se sente mais ciúme de uma pessoa, significa que ela não é mais amada.

A vivência da paixão envolve todos os níveis da psique. A consciência é tomada inicialmente pelos arquétipos da Anima e do Animus, depois entra em contato com a sombra e finalmente pode ou não voltar ao nível mais consciente.

Considerados como princípios, os arquétipos do Masculino e Feminino referem-se a potenciais que se expressam simbolicamente, tanto na cultura, como nos indivíduos de ambos os sexos. Segundo Whitmont (1969), para auxiliar em nossa compreensão, podemos associar esses princípios aos conceitos de Yin e Yang da filosofia chinesa, o primeiro relacionado à orientação consciente da mulher e o segundo à orientação consciente no homem. Jung denominou o equivalente ao princípio Masculino no inconsciente da mulher de Animus e o equivalente ao princípio Feminino no inconsciente do homem de Anima.

Os arquétipos da **Anima** e do **Animus** são imagens psíquicas, ou seja, a figura interior de mulher contida num homem e a figura de homem atuando na psique de uma mulher, respectivamente. São elementos essenciais na construção da estrutura psíquica de todos os homens e mulheres, como personificações dos padrões humanos gerais, instintivos e inconscientes, nos quais se baseiam muitas características pessoais. Whitmont (1969) esclarece esses conceitos:

“O postulado de uma masculinidade recessiva na mulher (o Animus) e feminilidade recessiva no homem (a Anima), são sempre inconscientes e, de fato, operam como personalidades separadas e desconhecidas do sexo oposto que nunca entraram na área de adaptação consciente, e portanto, tendem a funcionar de modo relativamente inferior, primitivo e inadaptado, até se tornarem mais diferenciados por meio do esforço consciente” (p. 159).

Segundo Tognini (2007), os arquétipos da Anima e do Animus se referem àquilo que em cada sexo é o outro, o oposto, que a princípio se apresenta como incompreensível, como algo que nunca pode ser completamente conhecido; porém, seus aspectos podem muitas vezes ser intuídos ou sentidos. Desempenham o importante papel de estabelecer uma ponte de ligação entre o ego e o Self, entre o aspecto pessoal e coletivo, bem como entre o consciente e o inconsciente.

Além dessa função, possuem forte poder de numinosidade, ou seja, são repletos de energia psíquica, e por esse motivo, tendem a nos atingir emocionalmente. Devido a esse efeito numinoso, quando são projetadas suas imagens arquetípicas, têm um efeito semelhante ao magnético, fazendo com que a pessoa que projetou esses conteúdos, ou se sinta intensamente atraída pelo outro ou tenha extrema repulsa.

A Anima, que corresponde ao arquétipo do Yin (feminino) no inconsciente do homem, representa os impulsos que caracterizam a vida como natural, espontânea, relacionada aos instintos, aos prazeres da carne, ao envolvimento emocional com outras pessoas ou coisas, à concretude, à Terra. Consiste nos

anseios inconscientes do homem, como seus medos, depressões, aspirações, ilusões, desilusões, etc. Também representa o potencial relacional e emocional. Como exerce função inferior no homem, a anima se manifesta quando são exigidas respostas emocionais e instintivas, que correspondem ao seu lado mais primitivo.

“Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente” (Von Franz apud Tognini, 2007, p. 56).

A Feminilidade Arquetípica se realiza no homem por intermédio das associações das imagens femininas estruturadas desde a infância. Sendo assim, no aspecto pessoal, ocorre a formação de um padrão feminino, no qual na fase adulta a anima poderá se realizar. Por exemplo: se um homem sente uma influência negativa da mãe (ou da figura feminina que o criou), sua anima poderá se expressar de uma maneira irritada, insegura, depressiva e incerta. Esta influência foi chamada de anima negativa e pode se expressar de diversas formas. Uma influência positiva da mãe ou cuidadora também poderá afetar a anima, tornando o homem excessivamente sentimental e sensível, efeminado ou explorado por mulheres, incapaz de fazer face às dificuldades da vida.

Uma das formas da anima negativa se manifestar na personalidade do homem é revelada no tipo de observação rancorosa, venenosa e efeminada que ele emprega para desvalorizar todas as coisas. Outra forma freqüente de manifestação desta toma forma de fantasia erótica:

“Os homens podem ser levados a alimentar estas fantasias no cinema, nos shows de strip-tease, ou nas revistas e livros pornográficos. É um aspecto primitivo e grosseiro da anima mas que só se torna compulsivo quando o homem não cultiva suficientemente suas relações afetivas –

quando sua atitude para com a vida mantém-se infantil” (Jung,1964, p. 180).

A anima positiva é responsável por ajudar o homem a identificar alguns elementos de seu inconsciente, assim como sintonizá-los com seus valores internos positivos, o que possibilita um maior contato com seu interior; portanto, a anima aqui faz a função de mediador entre o Self e o mundo interior. Esse contato só é possível quando o homem leva a sério seus sentimentos, humores, expectativas e encontra uma forma de expressá-los.

“(...) o confronto de um homem com sua anima consiste na grande tarefa do homem adulto, pois exige dele consciência de suas expectativas autônomas e padrões de resposta pessoais, assim como o estabelecimento de um relacionamento com o complexo como entidade autônoma, ou seja, estabeleça um relacionamento com sua contra-parte feminina interior como um Tu, capaz de reconhecer os próprios anseios e necessidades e se adaptar a eles, canalizando, sempre que possível, seus impulsos de modo que suas expressões sejam compatíveis com a realidade exterior, bem como com sua ética individual. Isto implica em, não somente levar em conta os próprios hábitos, exigências e responsabilidades comunitárias e familiares do meio que o cerca, como também atender às necessidades daquele elemento que está solicitando à consciência espaço para florescer” (Tognini, 2006, p. 56).

É a partir desse confronto/contato do homem com sua anima e com o Self, que ele poderá se relacionar com um outro, aceitar e lidar com a alteridade de outro Self, o que Neumann (2000) chamou de um autêntico encontro entre dois indivíduos.

O Animus enquanto imagem arquetípica do princípio Masculino, correspondente ao Yang na cultura oriental, representa na mulher um ímpeto de ação, a capacidade de discriminação e julgamento. Quando essas funções não estão próximas da consciência, a mulher julga as coisas e as pessoas, em especial os homens. Whitmont (1969) fala que quando uma mulher é dominada

pelo Animus, fica preenchida de preconceitos, tornando-se altamente dogmática e argumentadora e assumindo uma postura demasiada generalizadora e intransigente.

Como a Anima, o Animus possui o aspecto positivo e negativo e é basicamente influenciado pelo pai da mulher, ou pelas imagens masculinas com as quais ela conviveu na infância. O Animus negativo se manifesta na mulher por brutalidade, indiferença, hostilidade, agressividade, sentimento de posse, tendência à conversa vazia, às idéias silenciosas, obstinadas e más. Sob esta forma, o animus personifica todas as reflexões semiconscientes, frias e destruidoras que invadem uma mulher, principalmente quando ela deixou de realizar alguma obrigação ditada pelos seus sentimentos. Em sua forma positiva, personifica atitudes como a iniciativa, a coragem, a honestidade, a discriminação, o entendimento e, na sua forma mais elevada, assume grande profundidade espiritual (Jung, 1964).

Segundo Whitmont (1969), a polaridade feminino-masculino é uma das formas mais básicas em que vivenciamos o conflito universal dos opostos em nós e no nosso encontro com os outros. Quando os arquétipos da Anima e do Animus são projetados em outras pessoas, alteramos profundamente a percepção que temos delas. Em grande medida, os homens projetam suas animas em determinadas mulheres e vice-versa: essa projeção é importante por ser responsável pela aproximação e atração entre os sexos.

É necessário que nos confrontemos com a numinosidade desses arquétipos; sem esse confronto não podemos atingir a maturidade e inteireza da vida, não é possível dar continuidade ao processo de individuação. No entanto, Neumann (2000) ressalta que, para que esse confronto verdadeiramente aconteça, é preciso que a pessoa arrisque toda a sua personalidade, sem nenhum tipo de reservas.

Segundo Sanford (1987), não podemos considerar as projeções dos arquétipos da Anima e do Animus como boas ou más, trata-se de um evento natural que sempre ocorrerá, por mais que tentemos controlá-lo, e é através desse

recurso que podemos tornar elementos visíveis à nossa consciência, surgindo uma oportunidade de conhecer mais a fundo nosso mundo interior.

Para que ocorra a completa relação entre Eu-Tu, tem de haver distanciamento e separação, assim como envolvimento, integração consciente de raiva e hostilidade, assim como de amor e amizade. Toda real relação é o aspecto interpessoal do Processo de Individuação, ela convoca a inteireza ou totalidade de nosso potencial humano.

O **Processo de Individuação** consiste no indivíduo tornar-se quem ele é em potencial, é o processo pelo qual ele vai se desvelando, reintegrando seus aspectos, se des-identificando dos outros e do mundo, atingindo sua singularidade, através da realização mais plena do potencial que existe em cada ser (Tognini, 2007). Pode-se entender como a realização do si-mesmo através de um movimento de ampliação da consciência, à qual o indivíduo necessita integrar e assimilar conteúdos do inconsciente e simultaneamente integrar-se a comunidade humana. Segundo Penna (2003), a principal meta do processo de individuação é a construção da individualidade integral através de um caminho em que cada indivíduo se torna aquilo que de fato é. Esse processo de ampliação da consciência é contínuo e infinito e exige um esforço do ego para entrar em contato com sua sombra, que pode conter elementos que muitas vezes não são considerados como bons socialmente. Ele envolve integração do eu com as demandas arquetípicas, e com as necessidades e exigências do mundo externo.

“O processo de individuação, ao promover a integração de conteúdos inconscientes à consciência, através de seus aspectos arquetípicos, torna o mundo compartilhado por todos os membros da espécie humana. Dessa forma, não se pode falar em isolamento em mundos privados individuais, uma vez que o estrato coletivo da psique proporciona um nível de partilha entre os membros da comunidade humana no âmbito coletivo, do inconsciente e da cultura” (Penna, 2003, p. 147).

Para que ocorra o verdadeiro relacionamento amoroso, é necessário ultrapassar as projeções, para alcançar a realidade da outra pessoa. Essa

realidade provavelmente estará em desacordo com as expectativas projetadas pelos arquétipos da Anima ou do Animus e enquanto essas não forem dissolvidas, ocorrerá um pseudo-relacionamento, entre a ilusão e a ilusão, ou seja, as pessoas estarão se relacionando com o que imaginam que o parceiro seja e não com o que ele realmente é.

A paixão pode provocar mútuas fascinações, ressentimentos explosivos, e reações de fuga, quando surgirem as projeções negativas. Não podemos evitá-las pela vontade ou por boas intenções. Resta-nos desenvolver uma consciência de quando as projeções acontecem e quais são suas características, para podermos conviver da melhor maneira com elas e resgatá-las, deixando de atribuir conteúdos nossos aos outros para podermos reintegrá-los à consciência.

Símbolo, Inconsciente e Arte

“O artista é um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade”

(C. G. Jung)

Para Jung, o que chamamos de símbolo é um termo que nos parece familiar na vida diária, porém possui conotações especiais além de seu significado evidente. Sendo assim, implica em algo vago, desconhecido ou oculto para nós e seus significados são infinitos. Ele explica:

“(...) uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão” (Jung, 1964, p. 20).

O símbolo possui quatro principais funções: a conexão, a função substitutiva, a transcendental e a transformadora. A primeira refere-se ao fato de que o símbolo é a ponte entre consciente e inconsciente, faz a conexão entre esses pólos opostos, unindo-os em um único elemento. A função substitutiva diz respeito ao símbolo utilizar-se de imagens ou expressões análogas às imagens ou expressões do inconsciente. A função transcendental é a criadora do símbolo e a de transformação diz respeito à capacidade de tornar elementos do inconsciente conscientes, através de um árduo trabalho do ego. Portanto, o símbolo é uma expressão da psique humana em sua totalidade, ele tem a capacidade de equilibrar essas energias opostas, em busca de integração (Penna, 2003).

“A realidade inconsciente se exprime e se dá a conhecer por meio das expressões simbólicas. Tudo aquilo que pertence à esfera inconsciente e

não se formula como símbolo não pode ser conhecido” (Penna, 2003, 149).

O símbolo, como totalidade da psique, tem raiz no inconsciente coletivo e nos arquétipos, como também pode falar do inconsciente pessoal e dos complexos. Ele só tem sentido se sua análise (elaboração simbólica) levar em consideração o contexto em que foi criado.

Segundo Penna (2003), ele é uma tentativa de harmonização da psique, de reconciliar o indivíduo com sua essência e com a totalidade perdida, ampliando e compensando certa unilateralidade da consciência.

A palavra símbolo – *symbolon* em grego e *symbolum* em latim – é o particípio passado do verbo *symbolleîn* que significa lançar com, arremessar ao mesmo tempo. Literalmente, símbolo quer dizer lançar junto, o que revela seu significado de síntese, união e ligação entre as coisas.

“Destarte o símbolo ser a resultante de uma tensão energética entre polaridades opostas, uma consciente e outra inconsciente; tal tensão é vivenciada pelo indivíduo, no nível consciente, como um conflito. O símbolo é formulado dentro desta tensão pelo mecanismo psíquico da auto-regulação, que tem como finalidade restabelecer a homeostase do sistema psíquico” (Penna, 2003, p. 151).

O símbolo aparece para a consciência como algo intrigante e inquietante, sua natureza paradoxal e ambivalente produz no ego uma sensação simultânea de plenitude e vazio. No entanto, a elaboração simbólica depende de uma atitude favorável do ego, ou seja, uma participação ativa diante do símbolo.

Aniela Jaffé (*apud* Jung, 1964) fala da relação do homem com os símbolos:

“Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais” (Jung, 1964, p. 232).

A história do simbolismo nos mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos da natureza (como exemplo a lua e o sol), objetos fabricados pelo homem ou formas abstratas. Todo o universo é um símbolo em potencial.

Sendo assim, o inconsciente se manifesta em todas as atividades culturais através das quais o homem se expressa, inclusive no material artístico. É sabido que uma compreensão adequada desses símbolos de trazer um efeito terapêutico, além de produzir conhecimento.

“A arte também pode ser considerada como uma forma de conhecimento que detém modos de estruturação, realização e métodos bastante particulares. As expressões artísticas desde a pré-história são formas de manifestação da visão de mundo e das preocupações, sentimentos e emoções mais poderosas do ser humano” (Penna, 2006, p. 3).

Ao entrarmos em contato com as várias formas de manifestações artísticas, podemos reconhecer nossos sentimentos, sensações, comportamentos, etc. A Arte Cinematográfica e a Literatura podem nos colocar em contato com experiências arquetípicas, através de símbolos coletivos.

“As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais através das quais o homem se expressa. Obviamente, se todos os homens receberam uma herança comum de padrões de comportamento emocional e intelectual (a que Jung chamava arquétipos), é natural que seus produtos (fantasias simbólicas, pensamentos ou ações) apareçam em praticamente todos os campos da atividade humana” (von Franz apud Jung, 1964, p. 304).

Por isso a Arte é de grande utilidade para a pesquisa em Psicologia Analítica, pois consegue abarcar em uma linguagem única as questões humanas mais íntimas e nos permite uma melhor compreensão destas. É através da Arte,

entendida aqui como manifestação simbólica, que podemos ter acesso a conteúdos inconscientes, conteúdos estes que não são acessíveis à observação direta.

Método

Para a realização desse trabalho foi escolhido o embasamento teórico da Psicologia Analítica por ter uma concepção de totalidade psíquica, que envolve consciente e inconsciente, que integra mundo interno e externo, assim como abarca aspectos pessoais e coletivos por intermédio de uma dimensão simbólica arquetípica (Penna, 2003).

Na pós-modernidade, sabemos que o conhecimento que podemos capturar de algum fenômeno é parcial, sempre haverá uma pluralidade dos pontos de vista, portanto vários planos desconhecidos para se conhecer. Segundo Tognini (2007), o conhecimento que adquirimos sobre as coisas é condicionado pelas limitações e capacidades de nossa consciência. Vivemos nesse movimento dialético de tensões das polaridades do conhecido (consciente) e desconhecido (inconsciente), que farão constantemente parte da vida.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois tem o objetivo de compreender, avaliar, interpretar significados e relações de certo fenômeno. Entendemos que nessa modalidade de pesquisa, a objetividade pura não existe, à medida em que somos seres humanos e interpretamos (mesmo sem perceber) tudo o que está à nossa volta. O pesquisador é participativo, não interfere no fenômeno, mas está sempre em relação com ele. Portanto, o máximo que podemos obter como resultado de tal pesquisa diz respeito à intersubjetividade (Penna, 2003).

O objetivo desse trabalho é fazer uma leitura simbólica, crítica e reflexiva sobre a Paixão na Pós-modernidade, delimitando assim o contexto coletivo, bem como o individual.

Para isso, os instrumentos escolhidos serão aqueles que nos permitem acesso a conteúdos inconscientes relacionados ao tema, acesso esse permitido através da Arte Cinematográfica e da Literatura, entendidos aqui como símbolos. Serão utilizadas falas do livro “Eu sei que vou te amar” de Arnaldo Jabor.

Esse filme fala de relacionamentos interpessoais e foi lançado há vinte anos. Em seu lançamento, foi assistido por mais de quatro milhões de pessoas,

um sucesso de público e crítica, se constituindo assim como um símbolo coletivo, que retrata a realidade do fenômeno estudado.

O livro “Eu sei que vou te amar” (2007) é um romance, foi lançado recentemente e baseado no filme. Ele narra a discussão de uma relação (DR) entre um casal que se reencontra depois de três meses do término do relacionamento conjugal. Pela impossibilidade de se resumir a DR (discussão de relação), que ocorre no filme e no livro, optei por selecionar trechos significativos das falas dos personagens do livro (que muitas vezes coincidem com as falas do filme), para análise e interpretação, relacionando-os com os conceitos da Psicologia Analítica, tendo como foco uma reflexão sobre a paixão como projeção.

Foram realizadas várias leituras profundas do livro e o filme foi assistido diversas vezes, para assim poder partir para etapa de tradução desse material, que consiste na amplificação do fenômeno, associando-o com a teoria já citada e com o contexto social em que são vividas as relações de amor e paixão. A interpretação do material consiste no processamento simbólico, que não visa só descobrir a causa, mas também a finalidade do fenômeno estudado. Para isso é necessário propiciar a integração de conteúdos inconscientes na consciência, através da decodificação da linguagem simbólica, com a interpretação de seus significados para a personalidade como um todo.

A técnica de Amplificação simbólica foi desenvolvida por Jung na interpretação dos sonhos de seus pacientes. Ela consiste em ampliar e enriquecer os elementos do símbolo através de analogias e associações, visando a tradução e interpretação do material desconhecido. Segundo Penna (2003):

“O ato de ampliar e enriquecer o símbolo, por meio de analogias diversas, favorece a compreensão de seu significado arquetípico pela diversidade de possibilidades oferecidas ao ego para captar o aspecto oculto do símbolo e encontrar o significado que mais sentido faça para a consciência atual” (p. 195).

Na amplificação, o aspecto inconsciente do símbolo pode ser conhecido através de analogias com lendas, mitos, contos ou qualquer material cultural disponível.

Por esse motivo, é essencial na compreensão de símbolos coletivos como a Paixão, no qual o contexto histórico social imediato equivale ao aspecto pessoal do símbolo individual. Essa técnica abre um caminho de ligação do indivíduo com o aspecto coletivo, da cultura e do inconsciente.

Análise e discussão

“O que se vê, antes não era; e o que era, não é mais”

(Leonardo da Vinci)

Diante das diversas leituras reflexivas, surgiram temas recorrentes, que foram compostos como categorias de análise. Como afirma Bardin (1979, p. 105) *“o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto”*.

Algumas das categorias inevitavelmente se transformaram em polaridades como por exemplo: Confiança / Desconfiança e Ilusão / Desilusão, o que nos mostra que os opostos não se separam e fazem parte da psique e do mundo, em busca constante da homeostase. A energia psíquica flui entre dois pólos os quais Jung denominou de contrários: *“Não há equilíbrio nem sistema de auto-regulação sem oposição. E a psique é um sistema de auto-regulação”* (Jung, *apud* Tognini, 2004, p. 36). A teoria da Psicologia Analítica em sua perspectiva ontológica, tem a visão de totalidade, a tensão dos opostos nos gera conflitos e ao mesmo tempo traz movimento para a vida.

As doze categorias de análise representam os aspectos relevantes do fenômeno estudado. Elas foram criadas por uma necessidade metodológica para facilitar a discussão; porém, em muitos momentos elas aparecem interligadas, cruzam-se e/ou se complementam. É importante ressaltar que a abordagem da Psicologia Analítica é dinâmica, complexa e seus fundamentos se inter-relacionam. Por esse motivo, às vezes há repetições de colocações que se complementam ou que revelam diferentes aspectos de um mesmo foco de compreensão.

Ao longo da análise, as categorias estarão em negrito, para facilitar a compreensão do leitor. São elas: Comunicação / Barreira entre dizer e sentir; Desejo / Sexo; Paixão / Patologia; Possessividade / Ciúme; Agressividade / Destruição; Ambivalência / Querer e não querer; Medo / Insegurança; Ilusão / Desilusão; Confiança / Desconfiança; Tristeza / Solidão / Saudade; Projeção Anima / Animus; e Indiferenciação / Simbiose.

Começamos a refletir sobre uma grande dificuldade nos relacionamentos amorosos que aparece em algumas falas dos personagens do livro que diz respeito a **falha na comunicação e expressão de sentimentos**, na barreira existente entre o sentir e o dizer para o Outro de uma forma compreensível. Um exemplo dessa dificuldade está presente nessa fala do homem:

“Mulher, me escuta... não é possível, deve haver a possibilidade de um ser humano escutar o outro um dia... eu sempre tenho a sensação que você não me entendeu nunca... ou melhor... eu sempre sinto que fico aquém das palavras... eu nunca consegui me explicar com você... nunca consegui passar o que sinto... o que eu sinto por você... eu queria... eu sei que é loucura... dizer uma palavra e atingir a significação plena... ser entendido, entende?” (p. 37).

Aqui o homem assinala o reconhecimento de que ela é Outro, mas fica na constatação, sem conseguir superar a dificuldade de comunicação. Fica a dificuldade dele expressar o que sente, mas podemos supor que ele não tem total clareza do que sente. Fazer-se compreender é pressupor que o Outro é diferente, que vai precisar haver um movimento de se colocar no lugar da mulher (no caso) e certificar-se de que o que ela compreendeu é o que ele quis dizer. Quando há simbiose, imagina-se que não há essa necessidade pela própria indiferenciação, como se ambos fossem um só. Pode-se também pensar se essa dificuldade dele não reflete uma concepção social, muitas vezes introjetada de que, enquanto as mulheres são expressivas e emocionais, os homens seriam mais ativos, instrumentais e racionais, revelando maior dificuldade em tomar consciência e comunicar seus reais sentimentos de maneira inteligível. Uma comunicação ineficaz é uma das características da dinâmica de casais disfuncionais, em que freqüentemente a troca encontra-se truncada, até bloqueada.

Por outro lado, o homem pede para ser escutado, o que parece uma necessidade de que ela se abra para ele, para que suas palavras e seu real sentido a atinjam e impressionem. Podemos entender aqui a palavra como significante, que possui diferentes significados para o homem e para a mulher. Um diálogo real poderia promover maior simetria nos significados do casal. Entretanto, para uma comunicação plena é necessário uma abertura de cada um ao Outro e

essa abertura significa vulnerabilidade, em um momento em que eles atacam e se defendem. A abertura ao Outro poderia ser um caminho na direção da intimidade, que ora eles buscam, ora temem, fugindo. Segundo Lins (2006), o dilema da contemporaneidade em relação ao amor localiza-se entre o desejo de simbiose com o parceiro e o desejo de liberdade. Na sociedade individualista e narcisista em que vivemos, onde tudo é descartável e se valoriza o prazer imediato, não existe mais espaço para concessões em nome do amor. Ao invés disso, está presente a dificuldade de se investir nas relações amorosas, colocando-se este investimento aquém dos interesses individuais. Portanto, os relacionamentos amorosos atuais passam a ser cada vez mais curtos e a duração da relação passa a ser um ideal e não uma obrigação, pois o valor maior é a satisfação.

Giddens (1996), afirma que a confiança e a segurança entre os casais, dependerá muito da comunicação que existe entre eles. Segundo ele, o equilíbrio entre abertura, vulnerabilidade e confiança entre o casal são decisivos para a estimulação ou para a obstrução do canal de comunicação. Portanto, esses fatores se influenciam mutuamente e simultaneamente.

Mais um exemplo que aparece na discussão entre o casal também parte de outra fala do homem, que parece confusa inicialmente, o que é significativo, mas explicita bem a dificuldade de comunicação. Ele diz para a mulher:

“Eu quero dizer o que eu não sei o que quer dizer, e quero que você diga tudo que você não sabe o que quer dizer!...” (p. 39).

Além da dificuldade de se comunicar, aparece uma dificuldade anterior a essa. O sujeito não tem clareza a seu próprio respeito. Possui sentimentos obscuros que inevitavelmente dificultam sua expressão. Há um desconhecido dele próprio que diz respeito a seus conteúdos inconscientes, que se manifestam de alguma forma que ele sente, mas não consegue elaborar para expressá-los em palavras. Para isso ocorrer, é necessário um esforço do ego para tornar esses conteúdos conscientes, o que envolve entrar em contato com sua sombra, com aspectos indesejáveis da parte inferior de sua personalidade. A sombra consiste em tudo o que o indivíduo não gostaria de ser, por isso é vista pelo ego de forma ameaçadora e perigosa. Porém, seus conteúdos não são necessariamente

negativos, podem abrigar impulsos criativos, qualidades não reconhecidas e reações apropriadas (Jung, 2000). Portanto, seria necessário uma atitude de coragem desse homem de entrar em contato com sua sombra, o que possivelmente geraria crises em sua vida.

A vivência da paixão se caracteriza pelo sentimento de perfeição, de completude, sendo a **sexualidade** um fator importante para que ocorra o sentimento de fusão com o outro. Observamos muitas falas dos personagens que dizem respeito ao desejo e ao sexo, elementos esses que facilitam o direcionamento do processo pelo Self e a fuga do campo racional e controlador do ego. Uma das falas do homem que exemplifica isto:

“(...) a primeira vez que eu entrei em você parecia que eu entrava numa floresta quente, úmida, que eu atravessava um portão que eu nunca poderia cruzar de volta, era uma zona proibida, nova, a primeira vez, eu pensei que nunca ia parar de gozar, nunca, uma sensação de gol, gol do Brasil, sensação de vitória no ar, bandeiras, foguetes...” (p. 49).

O homem fala de seu orgasmo como infinito, descreve-o como uma sensação que é percebida interiormente, mas que se expande para o meio externo, ou seja, o sentimento da paixão deixa a impressão de que o mundo se transforma, fica melhor, mais colorido. Podemos observar também a presença do aspecto numinoso do arquétipo da Anima quando ele fala de foguetes, bandeiras. A numinosidade desse arquétipo tende a nos atingir emocionalmente pois é repleto de energia psíquica. Aqui, fica claro seu efeito magnético, fazendo com que o homem que está projetando seus conteúdos se sinta intensamente atraído pela mulher.

Na paixão há uma volta ao estado inicial de inconsciência, a unidade indiferenciada denominada por Neumann (1995) de Self corporal. A paixão é sentida no corpo, que é intensamente estimulado; quando nos sentimos atraídos por alguém a energia inconsciente nos afeta primeiro a nível sexual. A fala seguinte do homem mostra a relação entre o desejo, o corpo e a indiferenciação (mistura) do casal:

“É o seguinte: eu queria, desejaria, mais que tudo, eu ardo, quero, desejo, que você fique parada aí e eu venha e lamba teu corpo todo, com minha língua e vou subindo chupando as bordas das tuas roupas, os elásticos da tua calcinha, chupando o interior das tuas coxas, chupar tua bocetinha, teu umbigo, chegar até sujar minha cara de batom, rímel e beijar a tua boca e ficar agarrado nos teus cabelos, pendurado, balançando, balançando nos teus cabelos, todo esporrado, com tua baba escorrendo da minha boca, isso que eu quero te dizer na maior seriedade, na boa.” (p. 115).

Na fala acima, o desejo do homem é sentido e expresso sensorialmente; o detalhismo de sua fala instiga a excitação sexual crescente. Aparecem reações sensoriais como: visuais, táteis, gustativas, que representam o lado mais primitivo humano, como padrões de comportamentos coletivos. Ao final da fala, observa-se a indiferenciação quando ele se imagina pendurado nos cabelos da mulher, com a baba dela escorrendo de sua boca. Parece que ele a explora, absorvendo-a em si, misturando o que é dele e o que é dela. Observamos também um contraponto, quando ele fala de todo seu desejo de forma indiscriminada e ao final diz: na maior seriedade. Mostra que no início da fala ele é tomado por seus impulsos sexuais, mas após procura controlá-los, se distanciando do que sente.

Nesse momento do romance, o casal vivencia o *amour passion* ou amor-paixão. Segundo Giddens (1996), nessa fase podemos observar claramente a ligação direta entre amor e sexo. Caracteriza-se por entrar em conflito com as obrigações e atividades das rotinas do cotidiano, em decorrência da sensação de urgência e encantamento que a paixão gera. Fundamenta-se na identificação projetiva e inclina-se ao sacrifício e às escolhas radicais. Muitas vezes o envolvimento emocional com o Outro nesse tipo de relação é invasivo, como podemos observar na fala do personagem acima. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor. Ele tende a se transformar no que o autor chama de amor romântico, quando o amor sublime predomina sobre o ardor sexual.

Em um certo momento do livro a mulher expressa seus sentimentos, quando declara o que sentia no início do relacionamento dos dois, quando as

projeções positivas estavam presentes. Após demonstrar extrema sinceridade e admiração pelo homem, o casal fica em silêncio e a mulher pensa: *“Arranca um pedaço... do meu braço... me beija, homem!”* (p. 44).

Nesse pensamento, fica explícito o desejo sexual da mulher, até com um pouco de agressividade. A paixão muitas vezes provoca a sensação de completude, mas aqui fala da possibilidade de mutilação e do desejo de destruição. Jung (*apud* Azevedo, 2001), diz que o desejo apaixonado tem dois lados, é a força que tudo exalta e também tudo destrói. Já na origem da palavra paixão, a contradição está presente, por incluir aspectos positivos e negativos (paixão = pathos, patologia, doença, dor). Essa ambivalência está presente em muitos trechos do livro, e será retomada mais adiante. O pensamento acima também demonstra a intensidade com que é sentida a paixão, ele está repleto de sentimento e emoção, como a maioria das falas do romance.

Na paixão as projeções estão presentes (Sanford, 1987). A projeção é um mecanismo psíquico e automático, compreendido como um deslocamento e depósito de conteúdos inconscientes ou processos subjetivos em determinado objeto ou pessoa. O desenvolvimento da personalidade humana em sua inteireza consiste em assimilar ou introjetar esses conteúdos exteriorizados, tornando-os conscientes como parte de nosso psiquismo. Se tanto um homem como uma mulher projetam simultaneamente suas imagens positivas, temos aquele estado de fascinação recíproca, onde a presença do mágico e da perfeição se apresentam (Stanford, 1987). No livro isso fica muito explícito quando o casal fala de como eram no começo do relacionamento, quando a paixão imperava. Aqui a projeção positiva está presente quando a mulher fala:

“Falar o quê? Que eu te amava feito uma louca? Que o dia em que você me beijou, as pedras do chão estavam brilhando como estrelas? Isto! Comparação ridícula: os paralelepípedos eram estrelas azuis... eu olhava para você... meu amor... você era o meu amor... e você parecia um artista de televisão... parecia o Marlon Brando... e eu... olhava para você e o mar atrás do teu cabelo ficou verde-escuro e teus olhos... (...) e o mundo tinha mudado... estava tudo diferente... a

noite tinha caído... parecia uns desenhos... uns riscos luminosos no ar... os postes acesos... ventava nas palmeiras... as estrelas rodando... (...)" (p. 42).

Na fala acima, a mulher projeta no Outro características que valoriza, enxerga no Outro o que gostaria que ele fosse, criando uma imagem ilusória. Portanto, não há na paixão uma relação real com o outro, o eu está em busca de si mesmo.

Uma fala do homem diz respeito a essa mesma fase e demonstra a sensação de completude:

"Rosas... eu olhava minha mulher dormindo... e pensava: "A vida é perfeita." Rosas brancas tremem, a grama está molhada, nosso quarto, o rosto dela... a vida é perfeita!" O mundo era harmônico, eu tinha organizado tudo pra tua felicidade, e você destruiu! Você dormindo... o mundo era harmônico... então você quis ir embora... me abandonou... e destruiu tudo..." (p. 53).

Novamente nesta fala aparece o sentimento da paixão que se expande para o mundo, quando o homem fala que a vida é perfeita. Ao final de sua fala, o homem culpa a mulher por ter destruído tudo, destruição de um mundo ilusório criado pela paixão. Como falado por Souza (2008), na maioria das vezes são as mulheres que expressam a insatisfação conjugal. Não sabemos se por serem mais sensíveis e conscientes do que sentem e da relação como um todo; ou se por não aturarem mais a opressão e os sacrifícios vividos no casamento ao longo dos séculos. A atitude da mulher de ir embora, realiza seu desejo, talvez pela busca de um novo amor, mais gratificante, ou pela dificuldade do homem de ser porta-voz das insatisfações conjugais. A destruição da relação representa a destruição de si próprio. A separação do casal fala de várias mortes simbólicas: a morte do outro em si próprio, que continua vivo concretamente; a morte de si no outro, quando se identificava e se reconhecia a partir daquele papel; e da morte da relação, que envolve projetos de futuro que terão de ser remanejados, assim como a percepção de si, que será reformulada.

A mulher fala do desejo de continuar vivendo em um sonho, onde as projeções positivas estavam presentes:

“Eu... Eu queria que você fosse o Super-homem e eu aquela moça que voa com ele em cima de Nova York... eu queria ser a noiva do Super-Homem... voando... linda...” (p. 103).

Na fala acima, a mulher diz que queria que seu marido fosse um super-homem. Podemos supor que ele sendo “super” a faz ser “super” também, transforma-a em linda, como se ela criasse sua própria imagem a partir da identificação com o outro idealizado. Na fala dela, eles voavam, ou seja, a paixão tirava os pés deles do chão, os transportava para um outro mundo, um outro lugar, com outros poderes. A paixão aparece aqui como superação dos limites humanos, como negação do mundo real, capaz de levar ao infinito. Segundo Giddens (1996) o outro preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece, até que a relação de amor seja ou não iniciada. Este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade, em certo sentido o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.

As falas acima mostram quando as projeções positivas ainda estavam presentes e o começo da queda dessas projeções. Segundo Albuquerque (1989), para que a paixão se torne amor, é necessário um movimento de desapego, é necessário abrir mão do desejo, ou seja, sair desse estado de fusão paradisíaco e ilusório. Porém, para que isso ocorra, as crises se fazem necessárias. É a partir delas que entramos em contato com a sombra e elementos inconscientes que podem ser elaborados. Podemos supor que nos casos patológicos, o ego não consegue elaborar essa vivência, diferenciar-se do outro, aceitar o contato com a realidade que aos poucos se impõe (Vargas, 1986). Então podem surgir as projeções negativas, ou seja, os indivíduos projetam no outro suas próprias características negativas, julgam o outro muitas vezes de forma agressiva e intransigente, como se as características que estão enxergando no outro nada tivessem haver com eles. Estas também podem provocar ressentimentos explosivos e reações de fuga. Segundo Azevedo (2001), a vivência da paixão envolve todos os níveis da psique. A consciência é tomada inicialmente pelos Arquétipos da Anima e do Animus, depois entra em contato com a sombra e finalmente pode ou não voltar ao nível mais consciente. O contato do ego com o mundo arquetípico provoca uma desestruturação, em alguns casos o indivíduo

pode ser invadido por conteúdos inconscientes e atuar sem controle, podendo prejudicar a si mesmo e aos outros.

No relacionamento do livro, o casal não consegue elaborar a experiência da paixão e caminham em direção oposta ao Processo de Individuação, que seria o aspecto interpessoal positivo do relacionamento. Enquanto as projeções dos Arquétipos da Anima e do Animus não forem dissolvidas, ocorrerá um pseudo-relacionamento, entre a ilusão e a ilusão (Stanford, 1987).

Podemos observar no romance quando as crises já se instalaram e as projeções negativas imperam. Aqui fica clara a relação que os personagens fazem da **paixão** com **patologia**, como se fosse um sentimento negativo, de que eles tivessem que fugir:

“Nós dois somos vítimas de uma doença extraterrestre e temos de nos curar, você e eu pegamos uma doença gelatinosa que nos agarra um no outro, uma gosma do ET, uma gosma que nos une, e a gente quando se junta vira uma geléia, uma terceira pessoa, a gente tem de se salvar um do outro; pelo amor de Deus me salva de você e pelo amor de Deus te salvo de mim...” (p. 30).

Observamos nesta fala uma transformação dos sentimentos dos personagens: o que antes era visto como bom, é sentido agora como mau. Os personagens passam de protagonistas da história a vítimas, falam da paixão como uma doença extraterrestre, ou seja, um sentimento que vem de fora e que é mais forte do que eles. O poder anterior, de quando as projeções positivas estavam presentes, onde tudo era perfeito, se transforma em uma grande impotência diante do sentimento. As polaridades aparecem novamente, quando a realidade se transforma no oposto. A doença também aparece como o contrário do que seria um relacionamento saudável.

Muitas vezes os casais não conseguem elaborar a vivência da paixão, negam-se a sair da fusão. Giddens (1996) fala dos relacionamentos co-dependentes, que acontecem quando um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade. O casal acaba por estreitar seus laços, transformando o relacionamento em algo fixado, sendo este objeto de vício. Esse tipo de relação impede a exploração da

auto-identidade, o indivíduo mantém uma identidade falsa, construída a partir das ações e das necessidades de seu parceiro amoroso. O outro preenche um vazio que tem relação direta com a auto-identidade, o indivíduo fragmentado pode tornar-se de certa forma inteiro.

Como já falado acima, em alguns casos os indivíduos envolvidos na relação podem ser invadidos por conteúdos inconscientes e atuar sem controle. A vontade do ego não é levada em consideração, são os arquétipos que ditam as normas. Muitas vezes essa vivência pode chegar ao extremo onde a pessoa ou ambos os parceiros poderão entrar em surto psicótico (Vargas, 1986). Outra fala que exemplifica o aspecto patológico do relacionamento:

“Quando a gente fica perto tem dez minutos de lucidez e depois enlouquece, você me enlouquece e eu te enlouqueço...” (p. 32).

Aqui a proximidade e o estreitamento dos laços do casal gera vulnerabilidade e instabilidade, um causa no outro uma espécie de loucura. Podemos relacionar ao fenômeno da pós-modernidade em que Bauman (2004) fala da fragilidade dos laços humanos. Ele dá o nome de “amor líquido”, que consiste em uma forma de se relacionar que transita entre desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo de mantê-los frouxos. O desejo então circula entre dois opostos extremos, ou o casal estreita tanto seus laços que acaba por viver em um mundo só deles, onde não existe relação com o mundo exterior; ou o casal está definitivamente separado, sem se relacionar.

A paixão vivenciada de forma patológica pode ser ilustrada também por essa fala, onde o homem quando se aproxima da mulher tem a sensação de estar diminuído:

“(...) só sei que quando me afasto de você a vida fica mais real... as ruas, normais... o mundo fica mais democrático... e quando me aproximo, começa o sonho, a gelatina, tudo se desmanchando, os olhos nos olhos eu vou virando um ratinho e guincho, guincho e buraquinho... (...)” (p. 29).

Esta fala mostra que quando o homem se afasta da mulher, ele sente o mundo mais democrático, ou seja, com o distanciamento entre eles o mundo se torna real e as relações igualitários; porém quando ocorre a aproximação, esta

acontece de forma indiscriminada, ocorre a fusão entre eles e entre o mundo. O irreal e a fantasia se presentificam, de forma patológica. Para ocorrer a relação de intimidade, cada um tem que ter sua própria identidade e compartilhar de um espaço construído por ambos. Na fala, quando o homem se sente inferior à mulher, aparece uma relação de poder, onde existe o dominador e o submisso, o que representa uma relação hierarquizada e de controle, que vai contra ao que Giddens (1996) chama de amor confluyente, ou seja, uma relação onde existe respeito baseado nas capacidades iguais e independentes do outro, além da comunicação de sentimentos que leva à intimidade do casal. Novamente falamos da comunicação como um elemento essencial para o desenvolvimento da relação: *“Na medida em que esta comunicação está ligada ao narcisismo, ela é mais um convite ao poder do que uma base para o desenvolvimento do amor confluyente”* (Giddens, 1996, p. 148).

Em determinado momento, a mulher fala da dificuldade que sente em se relacionar e de estar apaixonada:

“O que me faz sofrer é sentir que o que encheria qualquer mulher de felicidade, ou seja, ter o teu maravilhoso amor de homem e as coisas lindas que você me diz, tudo isso me causa ansiedade e me leva ao desespero. Quanto mais eu penso em me entregar a você novamente, tanto mais terror eu tenho do que seria de mim se teu amor ainda ardente se apagasse...” (p. 50).

Essa fala nos remete à instabilidade dos relacionamentos, onde o indivíduo nunca terá o controle da situação como um todo, há um descontrole em relação aos sentimentos e atitudes do outro. O outro é livre para parar de gostar e para ir embora a qualquer momento. Portanto, pode surgir a ansiedade, que consiste na ameaça de perigo, a mulher sente medo de se arriscar na relação diante da antecipação da perda do outro. Podemos nos questionar se essa ameaça constante da perda é real ou imaginada, gerada pelas projeções de seus conteúdos inconscientes. Independente de real ou imaginada, a ameaça gera desespero, sentimento esse real diante da perda. A separação do casal pode levar a mulher a vivenciar vários tipos de perda, como por exemplo: perda da esperança

de se relacionar novamente, perda da confiança no relacionamento amoroso e perda da confiança no parceiro.

Sabemos que para ocorrer uma real relação com o Outro temos de ultrapassar as projeções e alcançar a realidade da outra pessoa. Porém, esse movimento de desapego não é simples, é necessário abrir mão do desejo para sair desse estado de fusão. Podemos observar no livro a dificuldade do casal de elaborar a experiência da paixão, de tornar esses conteúdos conscientes, quando identificamos em suas falas a **possessividade** e o **ciúme**, que revelam a não aceitação da perda do que o outro representava anteriormente. Em casos extremos, o ciúme patológico pode dominar a relação e o indivíduo não consegue conceber um relacionamento a dois, sempre imagina um triângulo amoroso. Esse triângulo amoroso pode acarretar na exclusão de um dos membros da relação, imaginária ou real. Algumas falas que demonstram essa categoria: “(...) *diz...com quem você transou esses anos, diz... tenha a coragem uma vez na vida... com quem você transou quando estava comigo?* (p. 23). Essa fala novamente mostra o desejo de controle e conseqüentemente a sua impossibilidade deste em relação à vida do parceiro. Em certo momento da discussão da relação, que se passava na casa do homem, toca o telefone e a mulher fala para ele sem querer demonstrar seu ciúme: “*Atende, deve ser uma amiguinha... (...)*” – *Atende logo que eu não tenho nenhum ciúme mais...*” (p. 35). Na tentativa de não demonstrar seu ciúme, a mulher mostra sua insegurança, que está diretamente ligada à sua baixa auto-estima, que pode aparecer com o questionamento de qual o valor que ela tem para o outro e qual o conceito (imagem) que tem de si própria. Em outro momento, quando a mulher ameaça ir embora da casa do homem e não acha a bolsa para sair, o homem demonstra seu ciúme e possessividade em um pensamento:

“Vou demorar horas procurando esta bosta de bolsa pelo chão... o batom dela vai derreter antes que eu ache a bolsa, o ruge, o caderninho de endereços com os outros homens vai sumir, esta bolsa cheia de pílulas e camisas-de-vênus vai custar a aparecer... (...)” (p. 108).

Essas falas mostram a dificuldade do casal de lidar com suas frustrações e decepções em relação às expectativas depositadas no parceiro e na relação.

Sentem-se frágeis para enfrentar seus medos, angústias e desespero, ou seja, o relacionamento com o outro os coloca em contato com suas sombras, com os aspectos indesejáveis de suas personalidades, se tornado esta uma difícil missão. O indivíduo à sombra do abismo, em contato com o que tem de mais frágil e humano, arma-se de defesas. Podemos pensar que estes sentimentos acabam sendo projetados nos parceiros e se transformam em agressividade e destrutividade, como forma de se defender. Como afirma Vargas (1986), se a patologização da paixão não for resolvida, o casal pode continuar vivendo em mútua dependência, chegando até à **agressividade** e à autodestruição. Podemos observar no livro muitos momentos em que o casal se agride verbalmente e demonstra raiva um pelo outro:

“Cala a boca, seu veado escroto filho-da-puta babaca filhinho de mamãe imbecil covarde escrotalhaço eu quero ver você morto!”

Então a mulher pensa: “Serei suave”. E continua a fala:

“Morto num esgoto cheio de lesmas te comendo o corpo seu filho de uma grandíssima puta do mangue e você morto esmigalhado feito um cachorro atropelado no asfalto do mangue em frente à tua mãe, aquela putona!...” (p. 31).

Podemos perceber nessas falas que a mulher é tomada por seus impulsos destrutivos, onde aparece sua fantasia de morte em relação ao parceiro. O desejo de morte do outro, pode ser entendido como uma morte simbólica, desejo de retirar o outro de sua vida, de que ele nunca tivesse existido para ela, como se pudesse apagá-lo de sua memória. Podemos pensar que esses sentimentos de raiva e agressividade em relação ao outro não são bem vistos pela sociedade, que dita regras de como temos de respeitar o próximo. Porém, esses sentimentos da mulher ficam reprimidos e por mais que se esforce para controlá-los (quando fala que tentará ser suave), sua fala emerge com a força do reprimido, como um instante em que extravasa tudo o que tem de negativo dentro dela, depositando esses conteúdos no outro. Em sua fala repleta de agressividade, emerge também um conteúdo sexual, quando fala em puta ou em escrotalhaço. A relação entre sexo e agressividade também encontra-se muito presente na sociedade contemporânea.

Em outra fala também aparece o desejo de matar o outro, quando ele não corresponde às expectativas da mulher: *“É a coisa mais importante de minha vida!! Tem de ouvir!!! Vai ouvir!!! Nem que eu te mate, se não me ouvir eu te mato!!!”* (p. 94).

O homem também agride verbalmente a mulher quando ela ameaça ir embora: *“Vai, Vai, sua filhinha de uma grandíssima vaca!!!”* (p. 73). Novamente aqui aparecem conteúdos sexuais relacionados à agressividade, o medo inconsciente da perda da mulher (que está em sua sombra) aparece como defesa em forma de violência.

Podemos observar em muitos momentos nas falas do casal uma certa **ambivalência**, no sentido de não saber se querem ou não se relacionar, se amam ou não amam seu parceiro, ou até se o relacionamento é bom ou ruim para eles. Mostra assim como a paixão pode ser vivida como uma experiência muito boa e como um pesadelo ao mesmo tempo:

“(...) você chega e o terrível perigo do Outro se desenha; você é um ponto de interrogação, uma janela aberta para o ar, um copo de veneno, você é o meu medo, o mar fica em ressaca, fico à beira do riso e das lágrimas, perto do céu e perto do crime (...)” (p. 14).

Aqui é como se o relacionamento estivesse mergulhado num pântano de ambigüidades, a fala da mulher mostra vários símbolos opostos, como riso e lágrimas e céu e crime (que pode ser relacionado com inferno ou pecado). Quando fala em um copo de veneno, mostra novamente a relação da paixão com vivência de morte, quando experienciada de forma patológica.

A próxima fala da mulher exemplifica a incerteza de amar, além da perda de referenciais, como tempo e espaço:

“Onde estou agora? Hoje? Ontem? Que dia é hoje? Estou há muito tempo atrás?... Eu já me separei deste homem? Eu não amo mais esse homem? Ou amo? Ou não ou sim? (...)” (p. 19).

Essa fala mostra algo característico da paixão que fala do momento em que se aproxima do parceiro amoroso e perde todos os seus referenciais de tempo e espaço. É como se o ego, que é visto como o sujeito e o centro da consciência e

da identidade pessoal, não estivesse exercendo sua função. Ocorre então a perda da sensação de sermos um processo com início, meio e fim e a perda da percepção do corpo e da existência.

Outra fala da mulher deixa claro a ambivalência vivenciada: *“Ele me leva para o parque de diversões... ele é louco... me leva pra teia de aranha... me faz rir e me dá facadas...”* (p. 53). Quando a mulher fala que seu parceiro a leva para a teia de aranha, podemos relacionar com algo que a prende, em que ela fica grudada. Na dinâmica disfuncional do casal em questão, a fraqueza e fragilidade dos parceiros faz com que fiquem aprisionados no relacionamento.

Muitas vezes, pela paixão ser experienciada de forma turbulenta, desestabilizando o controle do ego, existe uma tendência de alguns indivíduos de tentar fugir. Jung (*apud* Azevedo, 2001) já dizia que um desejo ardente já vem acompanhado de **medo** e podemos observar falas que remetem a esse medo:

“Ele... me beijava muito... me amava, me cuidava como se eu fosse um milagre... ele me namorava... E eu pensava: “me mama me mama como se eu fosse uma mama uma mama... ele me lambe ele me lambe como se eu fosse um sangue, um sangue que ele precisa pra vida pra vida eu sou um milagre num céu aberto e ele me ama... me ama tanto... mas... no fundo... meu Deus... meu Deus... que medo... que medo eu tenho... ele é um céu ele é um céu cor de sangue e no alto do céu eu vejo uma rachadura, um rasgo que vai quebrar... que medo... há uma coisa terrível neste amor que ele me dá... ele não me deixa amar... este céu perfeito me dói... esta felicidade é insuportável... um rasgo no céu... como eu vou nascer um dia?” (p. 54).

Nessa fala, além do medo, mostra que esse relacionamento provoca um suposto sufocamento na mulher, devido às projeções positivas do parceiro depositadas nela. Ela mesma se pergunta quando é que vai poder nascer, como se a simbiose a impedisse de ser ela própria, como se sua auto-identidade estivesse perdida para satisfazer a ilusão do parceiro em relação à imagem que tem dela. Muitas vezes, por querer agradar o parceiro, as pessoas não colocam limites na relação, o que atrapalha a possibilidade de se dizer a verdade sobre o que sentem e sobre o que verdadeiramente são. Ela fala da relação como se

fosse um céu, ou seja, realidade ilusória de um mundo perfeito, porém esse céu possui uma rachadura que vai quebrar. Assim, mostra também a fragilidade dessa relação de ilusão, como se soubesse que a realidade vai se impor diante da vivência de perfeição. Portanto, esse relacionamento caminha em direção oposta ao Processo de Individuação de ambos os parceiros, que consiste em cada indivíduo tornar-se quem ele é em potencial, é o processo pelo qual a pessoa vai se desvelando, reintegrando seus aspectos inconscientes. Ambos os parceiros não conseguiram ainda fazer o movimento de entrar em contato com sua sombra, para assim se des-identificar do outro e atingir sua singularidade através da ampliação da consciência. Eles continuam vivendo em simbiose, paralisados frente ao medo de se conhecer, vivenciando predominantemente o que há de pior no relacionamento como o ciúme, agressividade, competição, raiva, ansiedade, etc.

A fala do homem a seguir também mostra o medo e seu desejo de ser abandonado como uma forma de defesa, quando aparece uma mulher de seu interesse:

“por que será que eu quero que as mulheres me abandonem?... Eu sempre vejo as mulheres indo embora... quando vou ser feliz de novo, feito na adolescência?...” (p. 64).

Podemos observar uma certa passividade do homem em relação ao amor. Ele vê as mulheres indo embora sem fazer nada, ele provoca inconscientemente que as mulheres o abandonem, como forma de fugir da responsabilidade que um relacionamento acarreta. Fala da adolescência como uma fase em que era feliz, podemos supor que ele não tinha compromissos nessa época, que suas relações não exerciam o peso que exercem hoje, o que mostra sua dificuldade de amadurecer. Na adolescência não existe comprometimento, é uma fase de experimentação e exploração das relações sexuais e afetivas. Na fase adulta, já é esperado socialmente um maior comprometimento e responsabilidade diante das escolhas, e toda escolha implica em perdas.

O homem conta como foi embora de sua casa na separação, depois de três meses de casado, como uma tentativa de fugir de seu relacionamento e dos sentimentos que ele acarreta, como o medo:

“Eu fugi em dez minutos... fugi... fugi a pretexto de ir para um hotel... quem fugia era um ratinho, um pequeno polegar, um anãozinho, fugindo pela porta, com a malinha na mão, e parecia um marido irado, mas era um ratinho, um ratinho guinchando de medo de você, que tinha virado uma mulher gigante... (...)” (p. 27).

Essa fala demonstra a cissão do homem, entre o que ele mostra a mulher (aparenta) e do que ele realmente sentia na hora de partir, quando fala que parecia um homem irado, mas que na verdade se sentia pequeno e frágil como um ratinho. A mulher em sua percepção se torna gigante, o que o torna impotente diante da situação.

O fato do casamento em questão ter durado apenas três meses nos mostra um fenômeno cada vez mais presente na pós-modernidade, onde os relacionamentos estão cada vez mais curtos, por não existir investimento na relação. Os indivíduos estão preocupados em satisfazer suas próprias vontades, de forma egoísta não querem ter o trabalho de cultivar um relacionamento, que leve em consideração as vontades do outro. Também sabemos que hoje em dia o tempo de duração dos relacionamentos não é sinônimo de qualidade no mesmo. Muitos casais podem viver infelizes e insatisfeitos no relacionamento por um longo período, por diversos motivos.

Junto com o medo, aparece o sentimento de **insegurança** na fala dos personagens, como por exemplo:

“Parei de fumar... agora ando com a mania de chupar o dedo... toda hora... chupar o dedo. Mas é isso aí, minha filha... me perdoe... é que quando te conheci eu estava muito inseguro... (...)” (p. 48).

Aqui o homem parece se dar um conforto, como uma forma de obter prazer com ele próprio, sem precisar do outro. Podemos supor que quando ele se vê sozinho tem de entrar em contato com seu próprio vazio, antigamente preenchido pela relação de simbiose com a mulher. É como se ele quisesse provar que é auto-suficiente, que não precisa de ninguém para ser feliz. Contraditoriamente,

mostra também uma certa regressão do personagem masculino, quando em nossa sociedade o comportamento de chupar dedo é comum em crianças, ou seja, em uma fase da vida em que somos dependentes de um outro. Essa dependência pode gerar ansiedade, quando entramos em com nossa fragilidade e podemos não ser correspondidos pelo outro, como também pode ser acolhedora, quando o outro satisfaz nossas necessidades.

Um pensamento do homem mostra sua insegurança, quando ele conta perceber que ela o comparou com seu amante, o que pode ter sido uma impressão dele provocada por sua baixa auto-estima:

“(...) e numa das vezes ela parou no escuro do quarto e na contraluz da janela eu vi... ela comparou... meu pau com o pau do amante desconhecido... eu vi pela luz que me ilumina!” (p. 77).

Podemos relacionar sua fala com o sentimento de impotência, de inferioridade em relação aos outros homens. Aqui se presentifica o ciúme relacionado ao medo da traição (possibilidade imaginária ou real) e da perda do objeto amado. Fala de sua auto-estima e de sua auto-identidade, como a imagem que tem de si próprio e o que imagina que a mulher pensa dele. Observamos na atualidade homens que temem não corresponder às expectativas femininas e ficam avaliando seu próprio desempenho sexual, acreditando que uma performance negativa do seu ponto de vista poderá gerar uma traição ou mesmo abandono por parte da parceira (Centeville, 2008). Na nossa sociedade a masculinidade se afirma pelo desempenho na relação sexual, que diz respeito à potências, à quantidade, à atividade do homem, provas de sua virilidade. Não corresponder a estas expectativas internalizadas torna-o impotente, incapaz, menos homem, vulnerável, portanto, à retaliação feminina por meio da traição.

Outra categoria que podemos observar no objeto estudado é a **Ilusão** e a **Desilusão**, que parecem ser indissociáveis. Esta se relaciona com o mito do amor romântico, que segundo Hime (2004), foi iniciado no séc. XVIII e faz culto ao sofrimento e à insatisfação do desejo. O amor romântico está presente ainda hoje nas crenças amorosas: ele caracteriza-se pela busca infindável do objeto amado -

como se existisse uma pessoa certa e ideal, os indivíduos criam uma imagem ilusória de um relacionamento perfeito, que na prática não se concretiza:

“(...) Vou amar! Amar! Amar... eu quero um homem que me trate bem! Que me ouça, que me deixe ser mulher... me deixe sentar no colo dele e ser fraca... eu quero um homem que me compre vestidos... me traga uma jóia um dia, que seja generoso...” (p. 41).

A mulher nos mostra uma posição de extrema fragilidade, ela se coloca no papel de receber o que o outro tem para dar. Uma relação saudável implica em um dar e receber de ambos os parceiros. Segundo Souza (2008), a satisfação conjugal é subjetiva, implicando ter os próprios desejos e necessidades satisfeitos, assim como responder ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se a sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam a intimidade do relacionamento.

Nessa segunda fala, a mulher mostra sua desilusão em relação ao que esperava de seu futuro no amor, ocorre a perda da imagem idealizada de relacionamento:

“... Meu Deus... por que o corredor da minha casa era tão profundo... só a infância é verdadeira... por que as árvores ficam escuras e tremem?... por que o mundo era tão lindo e sinistro? E hoje só esta areia seca... e eu pensava: “Vou crescer...vou casar com um vestido de baile branco... um sonho de valsa... vou casar com um oficial de marinha... lindo... vou dançar... “ eu achava meu futuro um luxo... meu Deus... que luxo era meu futuro!... E agora...” (p. 61).

Nessa fala podemos observar a des-ilusão da mulher, a queda de suas projeções positivas, o que poderia fazer com que ela se reestruturasse em direção a uma relação de amor, ou para o fim da paixão e do relacionamento, que é o que ocorre no livro. Quando fala de seu sonho de valsa, podemos observar sua persona, que funciona como uma máscara, que o ego se utiliza para conseguir se relacionar com o mundo em resposta à necessidade de adaptação social. A persona pode ser considerada como uma forma de identidade psicossocial que o indivíduo assume após passar pelo processo de educação e adaptação aos meios

físico e social (Stein, 2006). Os valores sociais acabam por se tornarem pessoais e o que a mulher espera do futuro diz respeito ao que é valorizado socialmente.

A **Confiança** e a **Desconfiança** também aparecem juntas na discussão de relação do casal. Esse parece ser um elemento importante para que o relacionamento caminhe, a possibilidade de confiar ou não no parceiro amoroso. Uma fala do homem que mostra sua desconfiança em relação à mulher e deixa um alerta para todos os homens:

“Doce é o limão, minha filhinha... doce é o mais ardido dos limões perto da tua crueldade absoluta... nunca confie, meu amigo, numa delicadeza doce!... daí é que sai a morte!” (p. 75).

Na fala do homem o “mal” aparece disfarçado de “bem”. O homem alerta todos os outros homens, como se todas as mulheres do mundo não fossem confiáveis. Podemos relacionar essa fala ao que Miller (1995) chama de “cultura do abuso”, ou seja, da busca de poder entre os parceiros, onde um tenta desmoralizar o outro. Segundo ele, o mundo do romance foi trocado pelo da política, a intimidade moderna transformou-se em poder. O autor fala do “Terrorismo Íntimo”, que se caracteriza por relações de decepções inevitáveis, que resultam em amargas lutas entre homens e mulheres, movidos por ansiedade e ressentimentos. Segundo ele, a batalha dos sexos nunca teve trégua, apenas se disfarça vez por outra de ternura.

Em outra fala, a mulher mostra a desconfiança que deposita no marido chamando-o de cafajeste e diz ainda que o excesso de confiança nela por parte do marido a insultava, o que mostra a ambivalência desse sentimento:

“Não dava... você era superficial... ria alto... tinha a superioridade dos cafajestes felizes... tua confiança em mim era um insulto!” (p. 92).

Podemos pensar que o excesso de confiança depositada na mulher por parte do homem pode estar relacionado com o fato do homem não conseguir enxergar um outro, de sua auto-estima estar inflada ao ponto de enxergar somente a si próprio. Segundo Byington (*apud* Centeville, 2008), o ciúme é o guardião do amor, ou seja, amor e ciúme estão intrinsecamente relacionados. Quando não se sente mais ciúme de uma pessoa, significa que ela não é mais

amada. A própria etiologia da palavra ciúme deriva de zelo e cuidado. Portanto, podemos supor que o excesso de confiança do homem faz com que a mulher não se sinta mais amada, por não zelar, não cuidar como ela gostaria da relação.

Como até agora podemos observar, esse casal possuía uma ligação conjugal doentia, esse vínculo terá de ser transformado ou rompido, para que ambos recuperem a saúde e façam da relação um verdadeiro encontro, que leve em conta a individualidade de cada um, segundo Azevedo (2001).

Na primeira tentativa que os personagens fazem para romper esse vínculo, nesses três meses de separação, podemos observar uma grande **tristeza** por estarem separados, um medo da **solidão** e a **saudade**. Segundo Meirelles (2008), o divórcio consiste em um processo doloroso de luto, onde ocorre a morte simbólica do cônjuge, morte do outro em vida; e a morte de você na consciência do outro. Quanto maior a dependência ou indiferenciação em relação ao parceiro, maior a angústia. Implica sentimentos e sintomas como se fosse um luto real. Alguns deles: torpor, desejo que a pessoa volte, desorganização, desespero, auto-estima rebaixada, culpa, arrependimento pela relação, solidão, idéia de incompetência, etc. Podemos identificar nesta fala da mulher fala alguns desses elementos:

“É tão triste... é tão triste a gente se separar... você deixou um pijama velho no armário e eu nem tirei de lá... de noite eu vou lá espiar, virou um vício secreto... às vezes de madrugada eu vou lá olhar o pijaminha... seu pijaminha... olho e parece... que você morreu!... Como é difícil... não chora você também!... (p. 57).

A mulher guarda o pijama de seu ex-marido como uma forma de preencher o vazio que sente diante da perda. Ela ainda não elaborou o luto, não conseguiu se descolar do parceiro e se haver com a desilusão da finitude de seu relacionamento. Expressa seu desejo de que o parceiro volte, como se com sua roupa ainda estivesse presente um pedaço dele.

Então o homem continua o diálogo, demonstrando também sua tristeza:

“E eu? E eu? Pensa que é fácil pra mim?... Eu ando na rua, eu olho um letreiro, tá seu nome... passa uma mulher... vejo você... outro dia chorei diante de uma loja onde estava escrito: “Canos e silenciosos”... não sei por que este nome

me deu uma nostalgia absurda.. canos... e silenciosos... a gente está emocionado agora... mas a gente quis... você quis separar, não quis?” (p. 57).

Além da tristeza, fica claro na fala acima a ambivalência e incerteza sobre a decisão tomada. Está presente a mágoa em relação à parceira que o rejeitou. Os sentimentos são contraditórios, busca-se desesperadamente o cônjuge do qual se tem raiva, mas acusa-se o outro (no caso a mulher) por ter ido embora, ter desistido, não lhe dando oportunidade de tentar novamente. Esse momento é de crise, por promover rupturas e desorganização após a separação. A crise poderá ser superada em um segundo momento, quando os dois se recuperarem e se reorganizarem, seja para ter suas vidas separadas ou juntas novamente. Para isso ocorrer, precisarão ir atrás de novas respostas, conscientizando-se da responsabilidade de cada um no rompimento da relação, além de rever o estilo de vida e os objetivos pessoais e relacionais que querem realizar.

Muitas vezes na separação é como se ficasse um vazio que tem de ser preenchido de alguma forma:

“E eu? E eu que tomei outra noite um copo de vodca e dois Valiuns e acordei às quatro da manhã, deitado sabe onde? Perto do tanque... deitei na cama e acordei no tanque... chorando... você pensa que é só você... Eu estou tão sozinho que pensei até em comprar um cachorro, mas depois desisti, com medo que ele me descurtisse...” (p. 58).

Nessa fala do homem está presente sua auto-desvalorização, a auto-estima se rebaixa e preponderam sentimentos de menos-valia. Aqui o homem assume o papel de vítima, como se sua vida não tivesse mais sentido. Sua amargura transforma-se em comportamentos depressivos, com o abuso de substâncias como o álcool e medicamentos.

A solidão e a sensação de estar perdida ficam explícitos por essa fala da mulher: *“Não sei mais de nada... de repente acho tudo tão louco, a gente estar separado... eu dormindo do mesmo lado da cama como se você fosse voltar de noite... durmo mal... parece que você morreu...” (p. 58).* Novamente a incerteza diante da decisão tomada quando fala que não sabe de mais nada e diante da ambigüidade em relação aos sentimentos. Está presente a dificuldade de enfrentar

os fantasmas da ausência do outro, quando fala que ainda dorme do mesmo lado da cama. Fala novamente do divórcio como um luto, onde ocorre a morte simbólica, no caso dessa fala, do parceiro em si.

O homem fala de seu sofrimento, quando mesmo separado, parece não conseguir se desvincular da mulher:

“E eu?... te disse... fico falando com você... dia inteiro na rua... ando... e falo mentalmente com você ao meu lado... discuto a relação sozinho... separei mas continuo discutindo a relação, monólogo conjugal... outro dia virei para um chofer de táxi português e disse: “O que te estraga é esse teu lado Country Club”... para um chofer de táxi... você pensa que é só você que sofre?” (p. 58).

O homem continua reafirmando seu sofrimento, como se este tivesse que ser validado pela mulher. Aqui a presença da ausência da mulher a faz presente, é como se ela tomasse todos os espaços da vida dele. Mostra que não consegue realizar a separação interna em relação à parceira, que implica em desinvestir na relação para reinvestir no eu. Podemos supor que pela relação dos dois se basear na indiferenciação e dependência de ambos, a angústia da separação se intensifica.

Como já sabemos, a projeção é compreendida como um deslocamento e depósito de conteúdos ou processos subjetivos em determinado objeto ou pessoa. Assim, na paixão, os arquétipos da **Anima** e do **Animus** se manifestam através da projeção de diferentes maneiras no homem e na mulher. Segundo Tognini (2007), esses arquétipos se referem àquilo em que cada sexo é o outro, o oposto, que a princípio se apresenta como incompreensível, porém seus aspectos são intuídos ou sentidos.

A Feminilidade Arquetípica se realiza no homem por intermédio das associações das imagens femininas estruturadas desde a infância. Sendo assim, no aspecto pessoal, ocorre a formação de um padrão feminino, no qual na fase adulta a anima poderá se realizar. Por exemplo: se um homem sente uma influência negativa da mãe ou da figura feminina que o criou, sua anima poderá se expressar de forma negativa, dificultando seus relacionamentos posteriores. Segundo Jung (1964), a Anima negativa se manifesta no homem em forma de

medos, depressões, aspirações, ilusões, desilusões, humores e sentimentos instáveis. Uma fala do homem mostra a projeção da Anima, quando deixa clara a sua fragilidade: *“Meu Deus, como essa mulher me enfraquece... estou fraquinho... Me sinto uma “mulher...”* (p. 47).

Já a Anima positiva se manifesta no homem através das intuições proféticas, da receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza, a relação do homem com seu inconsciente. A seguir uma fala onde aparece novamente a projeção da Anima, diante do sentimento e da sensibilidade manifestos no homem:

“(...) ela é tudo... ela está tão longe... tão grande... vejo o corpo dela no céu... virou uma constelação... lábios verdes, bandeiras negras, raios azuis. Como uma mulher pode ficar tão mágica? Milagre... me chama, me mata, mulher de luz, me leva me leva pra eu chorar no teu colo na praia do planeta mais longe... me leva me mata joga meu corpo no espaço, mas não me abandona!” (p. 63).

Nesta fala o homem mostra claramente a projeção de seus aspectos inconscientes, quando se refere à mulher como mágica, ou seja, uma mulher que faz parte dele como projeção de sua Anima e não diz respeito a mulher real com que ele se relaciona. Quando diz que quer chorar no colo da mulher, observamos uma volta ao estado inicial de inconsciência, a unidade indiferenciada denominada por Neumann (2000) de Self corporal. Nessa fase, ego e Self formam uma unidade indiferenciada entre o bebê e a mãe ainda na barriga e a formação do ego é condicionada pela experiência corporal, que recebe desde cedo as impressões do mundo. Na fala, ele pede para a mulher não abandoná-lo, o que mostra que não quer sair desse estado de fusão e indiferenciação da paixão, que remete a fases primárias do contato mãe-bebê, onde ele é totalmente dependente do outro e se encontra em um lugar seguro.

A fala acima também demonstra o aspecto numinoso dos arquétipos da Anima e do Animus, quando fala de luz, mágica, raios, etc. Numinoso porque são repletos de energia psíquica e nos atingem emocionalmente. Como já falado, eles possuem um efeito semelhante ao magnético, que no caso da fala acima, faz com que a pessoa se sinta extremamente atraída, como por exemplo quando o homem

diz que a mulher de luz o chama. Pode acontecer dessa numinosidade ter efeito contrário, ou seja, cause extrema repulsa nas pessoas.

O Animus enquanto imagem arquetípica do princípio Masculino, possui o aspecto positivo e negativo e é basicamente influenciado pelas imagens masculinas com as quais a mulher conviveu na infância. Segundo Tognini (2006), o Animus se manifesta de forma positiva na mulher quando essa tem um ímpeto de ação, a capacidade de discriminação, de julgamento, a iniciativa, coragem, honestidade, etc. Podemos observar a manifestação desse arquétipo nessa fala:

“Nós somos sobreviventes de um desastre... mas eu quero te dizer que... aconteça o que acontecer... quero que você saiba... quero que você diga para as mulheres que você conhecer... que lá no fundo... onde eu fui... é só escuro... eu descii no poço de Alice... sem fundo... e lá, na solidão completa, de repente surgem uns peixes luminosos... embriões flutuando à sua volta... os filhos da tua coragem... e você começa a subir de volta... (...)” (p. 96).

Na fala da mulher, mostra como “mergulhou” nas projeções e depois de uma certa elaboração da experiência, volta com coragem e com maior discernimento da situação como um todo. Aqui, o símbolo do poço escuro pode representar o inconsciente, o desconhecido, e o fato dele ser sem fundo pode se relacionar com a infinidade de conteúdos inconscientes de sua psique. O símbolo do peixe representa a vida, a fertilidade: fala de embriões como nascimento, como se ela tivesse que morrer para nascer de uma outra forma, mais forte. A manifestação do arquétipo do Animus positivo possibilita que a mulher entre em contato com seus conteúdos inconscientes numa atitude de coragem, para que possa ocorrer a elaboração destes, possibilitando uma certa ampliação da consciência.

Segundo Whitmont (1969), o Animus negativo se manifesta na mulher em forma de preconceitos, tornando-a altamente dogmática, argumentadora, carrega brutalidade, indiferença, hostilidade, agressividade e sentimento intransigente. Uma das falas já citada aqui demonstra essas características, quando ela se dirige ao homem de maneira agressiva e hostil: *“Cala a boca, seu veado escroto filho-da-puta babaca filhinho de mamãe imbecil covarde escrotalhaço eu quero ver*

você morto!” (p. 31). Aqui a mulher parece estar dominada por um impulso destrutivo, ocorre um ataque sem controle, onde projeta no outro seu ódio e agressividade.

Como já falado, Sanford (1987) explica que para a paixão ocorrer é necessário que tanto o homem como a mulher projetem simultaneamente suas imagens positivas da Anima e do Animus. Assim temos o estado aparentemente perfeito de fascinação recíproca. Nessa fase, ocorre a fusão ou uma indiferenciação do casal, que podemos comparar com a volta ao estado inicial de inconsciência, onde os indivíduos tem a mesma sensação de completude de quando estão na unidade indiferenciada mãe-bebê, já explicada aqui como Self corporal. Foram identificadas frases mais específicas que falam com clareza desta **simbiose** do casal. A seguir uma fala da mulher como exemplo:

“Hoje eu sei disso... mas aconteceu alguma coisa na nossa vida que as almas se misturaram... a gente não pode ficar junto porque morre... morre a vida, morre tudo... só fica a gente... eu me separei de você porque te amava demais...” (p. 28).

Novamente aparecem as polaridades vida e morte em sua fala, o que mostra que os contrários estão em todos os lugares e pessoas. Também podemos relacionar vida e morte com renascimento e processo de crescimento, morte de um eu para o nascimento de outro eu. Esse renascimento pode ser proporcionado com a vivência da paixão, o que não ocorre no romance. É como se com a aproximação do casal ocorresse a fusão, um acaba por engolir o outro. Segundo Jung, a conseqüência da projeção é um isolamento do sujeito em relação ao mundo exterior, o que podemos observar na fala da mulher, quando diz que morre a vida, morre tudo, como se com a aproximação o mundo exterior parasse de existir e sobrasse só o casal numa relação de extrema dependência.

O homem também fala a respeito da simbiose:

“Ah... minha querida, eu tenho medo é dessa simbiose da gente... com você eu quis mais que um casamento... eu quis tocar uma verdade, eu quis dar um beijo que ficasse, um gozo que não passasse mais, uma marca de amor que não saísse da tua pele... te marcar, te suar... virar você...” (p. 32).

O personagem do romance fala claramente da simbiose do casal, o que mostra que tem consciência de que sua união não é saudável, mas não consegue transformá-la. Ele fala de seu desejo de que as sensações e sentimentos, como o beijo, ficassem pela eternidade. Com isso, mostra sua negação da finitude, da morte simbólica, da perda da ilusão. Sua ilusão diz respeito a acreditar no Amor que leva ao infinito, que é “para sempre”.

No final do livro, depois de toda a discussão de relação, os personagens acabam por realizar um ato sexual. Então, o que aparece no livro são os pensamentos dos dois personagens misturados, eles não tem separação, como se essa fala dissesse respeito a uma só pessoa. É o momento em que eles estão realmente em simbiose, onde corpos e pensamentos se misturam:

“A noite caiu e eu não tenho forças para acender a luz e meu corpo e o dela estão colados, um no outro, como um bicho de duas costas, e sinto lentamente o esperma que se endurece em volta dos pêlos de nosso sexo unido, uma espuma seca em nossos pêlos molhados, silêncio absoluto, céu negro na sala, no chão a escuridão em volta de nossos pêlos esporrados e a boca dela, a boca vermelha voltou ao rosto e agora está colada na minha boca...

Minha boca está doendo de tantos beijos, e está colada ao rosto dele e de tanto beijar-lhe o sexo, o batom está no pau dele e espuma branca na minha boca... e os seios dela estão calmos e quentes, eu me lembro da minha mãe, finalmente eu deito nos seios de minha mãe de novo... e como o coração dele está batendo devagar, coração de atleta, e em primeiro plano está sua cabeça e pela janela no céu vejo uma estrela fria de neon... e ela está com as pernas trançadas nas minhas e ele está com o pau latejando dentro de mim e quero que nunca mais saia de dentro de mim e agora que a música de violino parou, não se ouve mais nada, nem o ruído da cidade, será que ainda tem cidade lá embaixo? Ou tudo parou? Meus olhos brilham no escuro e em cima do meu corpo sinto minha infância voltando no céu preto da sala das minhas bonecas devem estar olhando no escuro, a loura, a moreninha... no escuro da sala ela continua enroscada em mim uma quente serpente da noite, seus lábios agora estão se movendo e beijando minha nuca, colados na minha nuca... a mão dele está pousada em

minha boceta com a tranqüilidade que nunca vi antes, como apoiada numa coisa sua, é sua mesmo, é sua, ela não treme, segura minha boceta como um pai segura a mão de uma filha... sua boca vermelha se move mais ainda para perto de minha orelha, dois lábios vermelhos indo para meu lado enquanto sua mão sobe para meu peito, ela vai falar, eu sei, alguma coisa ela vai falar debaixo das estrelas geladas... Meu menino, meu corpo de homem, meu menino meu bandido, meu menino meu Cristo de calças jeans, meu menino meu cowboy, meu filho meu tesouro... minha mulher, porque ela é assim uma convergência de carnes e belezas e volutas que voam para o vértice da boca vermelha que treme agora em meu pescoço uma cobra cintilante vai falar, vai se aproximar mais de meu ouvido no escuro deste apartamento, mergulhado na sombra com quatro janelas para a galáxia, e esta cobra cintilante vai falar no escuro... eu quero dizer alguma coisa a ele, alguma palavra que não se perca, uma palavra que não morra congelada pela luz das estrelas frias, os lábios dela tremem, o coração dela bate, o coração dele bate, a mão dela no meu sexo, dona do meu sexo, a boca dele colada em minha nuca, a boca dela se abrindo, ela vai falar..." (p. 128).

Depois desses pensamentos que se misturam, a mulher tenta falar algo e é interrompida com um beijo, e assim acaba o livro.

Conclusão

Diante desses trechos do romance de Arnaldo Jabor, podemos observar muitos aspectos de um relacionamento amoroso, onde a experiência da paixão não pode ser elaborada, para assim partir em direção a uma relação de intimidade e encontro, onde as projeções dos conteúdos inconscientes podem vir a se tornar conscientes. Nesse caso, o casal não conseguiu ainda fazer o movimento de desapego e sair da crise, continuam projetando seus conteúdos um no outro, sem conseguir se enxergar, cristalizados na relação. A crise é entendida aqui como uma oportunidade de elaboração dos conteúdos inconscientes, as projeções por si só não são boas nem más, mas um evento natural, que podemos utilizar como recurso ou como uma oportunidade de reconhecer mais a fundo nosso mundo interior (Sanford, 1987).

Infelizmente o casal do livro: “Eu sei que vou te amar”, como muitos outros da vida real, não conseguem elaborar a crise que o sentimento da paixão acarreta quando entramos em contato com o que temos de mais sombrio, o que faz com que fiquem presos em um relacionamento patológico, que envolve raiva, tristeza, simbiose, desconfiança, medo, insegurança, possessividade, etc. e acaba por trazer muito sofrimento. Em muitos momentos da discussão de relação parecem fazer um movimento de desapego, de distanciamento, porém acabam voltando para a simbiose, mergulhando em seus conteúdos inconscientes, como se não conseguissem encontrar um ponto intermediário entre a separação concreta e a indiferenciação. A paixão parece tão grande, que ultrapassa a medida humana, não conseguem entregar-se, pelo contrário, tentam controlá-la em função do poder.

Importante ressaltar que esse casal parece disfuncional para quem observa de fora sua dinâmica, porém eles exercem uma função maior que se refere aos complexos, os parceiros se complementam em suas patologias. Buscamos na contemporaneidade o amor confluyente de Giddens (1996), que pode levar ao crescimento, tanto pessoal como relacional . Entretanto, observamos que o casal

não consegue sair da paixão e atingir o amor. Eles vivem a tragédia dos que encontram Deus Eros, mas não sabem se ajoelhar diante dele.

Observamos que o Mito do Amor Romântico continua presente em nossa sociedade e ainda é passada a idéia de que quando vivenciamos um relacionamento amoroso, tudo tem de ser sempre perfeito, não há espaço para crises e para o sofrimento, como se tivéssemos que ser “felizes para sempre”. Essa expectativa acaba por aumentar o sofrimento das pessoas, pois elas não tem espaço para expressar o que há de ruim no que estão vivenciando, nem para seu parceiro, nem para as outras pessoas de seu convívio.

A paixão pode ser perturbadora das relações pessoais por arrancar o indivíduo das atividades cotidianas e gerar uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios (Giddens, 1996). Portanto, ela é inadequada para a sociedade contemporânea, onde o indivíduo é obrigado a manter uma rotina, obedecendo regras e padrões sociais de comportamento. Vivemos em uma época onde estão presentes muitas máscaras, papéis e manipulação pela valorização que se dá a imagem, disfarçados em abertura, comunicação e liberalismo (Miller, 1995). A velocidade com que avança a tecnologia, a importância dada ao prazer individual a qualquer custo e ao momento como instante fugaz, fazem com que as pessoas não se envolvam em relacionamentos de profunda entrega, elas não têm tempo para investir em um relacionamento, o que pode tornar as vivências vazias e sem sentido.

Sabemos que para que ocorra a completa relação entre Eu-Tu, tem de haver distanciamento e separação, assim como envolvimento, integração consciente de raiva e hostilidade, como amor e amizade (Albuquerque, 1989). Para que isso se concretize são necessárias muitas “discussões de relação”, ou seja, a comunicação e cumplicidade entre o casal é de essencial importância, além da criatividade utilizada no cotidiano para manter um relacionamento saudável. Toda real relação é o aspecto interpessoal do Processo de Individuação, ela convoca a inteireza ou totalidade de nosso potencial humano (Tognini, 2007).

O foco do trabalho foram as projeções características da paixão e a partir daí refletiu-se sobre a manifestação de aspectos arquetípicos da Anima e do Animus e sobre a emergência da sombra.

É muito importante pesquisar e refletir sobre este tema, que diz respeito ao coletivo, por veicular conteúdos arquetípicos e culturais, ou seja, aspectos do ser humano que se expressam e podem ser melhor compreendidos a partir da riqueza da Psicologia Analítica, que integra subjetividade, o âmbito social e o arquetípico.

A compreensão dos meandros da paixão pode nos ajudar na prática clínica de psicólogos, no que diz respeito ao trabalho com pessoas e/ou casais que vivam relações disfuncionais e até destrutivas, favorecendo sua transformação. Sabemos que não existe uma fórmula mágica para o amor e que os relacionamentos (dentro de suas particularidades) podem trazer questionamentos, que cada indivíduo terá de refletir a procura do auto-conhecimento e da satisfação relacional. Porém, existem aspectos dessa experiência que dizem respeito ao coletivo e que podem nos ajudar na compreensão dos casos individuais.

Essa pesquisa visa a promoção de saúde, e é direcionada não somente para a comunidade científica da Psicologia, mas para qualquer pessoa que possa se beneficiar através de informações que colaborem para criar condições de desenvolvimento das pessoas em seus relacionamentos, evitando possíveis disfunções, como por exemplo as dificuldades de comunicação, explicitação de expectativas para minimizar as decepções e frustrações, etc.

Considerações finais

A pesquisa em Psicologia Analítica é um processo de produção de conhecimento científico, que tem como meta principal a aquisição de um conhecimento novo e relevante, tanto em relação à comunidade científica, quanto ao auto-conhecimento do próprio pesquisador (Penna, 2006). Para isso, o pesquisador deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter um certo distanciamento, para poder fazer um processamento simbólico de seu material coletado. É co-participante da realidade observada, sendo também responsável pelo material produzido.

O tema do trabalho e os materiais escolhidos para a análise acabaram trazendo conteúdos excessivamente pesados, o que dificultou o papel da pesquisadora, que muitas vezes tinha que se distanciar por um período para retomá-lo em um outro momento, para que assim elementos de seu próprio inconsciente não atuassem, dificultando sua análise e conclusão. O processo de todo o trabalho foi muito intenso, muitas vezes gerando sentimentos ambivalentes, como amor e ódio, da mesma forma de quando estamos apaixonados.

A possibilidade de escrever sobre algo que é conhecido através da experiência e sobre um tema que nos toca tanto, é muito rica, mas não é fácil. Ser pesquisador participante é um desafio. Houve vários momentos em que foi discutida a possível mudança do tema de pesquisa com a orientadora, por muitas vezes o trabalho “travar” ou por muitas vezes os conteúdos pessoais do pesquisador se “misturarem indiscriminadamente” com a análise e a conclusão. O trabalho me mobilizava, e muitas vezes também imobilizava, impedindo minha produção. Porém, não havia outro tema de investigação que me motivasse e me instigasse com tal intensidade a pesquisar.

A vastidão de bibliografias sobre o tema ao mesmo tempo que enriqueceu o trabalho, também dificultou, nos momentos em que o pesquisador tinha que focar predominantemente nos aspectos patológicos do fenômeno. Podemos observar que mesmo tentando focar nos aspectos negativos da Paixão, os aspectos positivos necessariamente vinham junto formando polaridades, como se só com

os aspectos negativos, estivesse faltando uma parte do trabalho que integrada formaria a totalidade.

Porém, ao final deste estudo, fica a sensação de que após mergulhar em conteúdos tão intensos, até viscerais, que falam tanto a respeito do que há de mais humano, falta aqui abordar o que há na paixão de belo e que diz respeito ao desenvolvimento da potencialidade de cada indivíduo, ou seja, a transformação da paixão em amor. Talvez focar esses outros aspectos seja possível em um outro momento, em um novo trabalho.

Referências bibliográficas:

- ALBUQUERQUE, H. (1989). *O encontro na paixão e no amor*, Revista SBPA in Junguiana 7, São Paulo.
- AZEVEDO, T. P. (2001). *Paixão, um caminho no processo de individuação*. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- BARDIN, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- BAUMAN, Z. (2004). *Amor líquido - sobre a fragilidade das relações humanas*. Jorge Zahar Editor.
- CENTEVILLE, V. (2008). *Ciúme patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana*. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.
- CAROTENUTO, A. (1994). *Eros e pathos: amor e sofrimento*. São Paulo. Editora Paulus.
- COSTA, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Editora Rocco. Rio de Janeiro.
- FARIA, D. L. (2003). *O Pai Possível: Conflitos da Paternidade Contemporânea*. São Paulo. Editora Educ.
- GIDDENS, A. (1996). *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. trad. Magda Lopes. São Paulo. UNESP.

- HIME, F. A. (2004). *A biografia feminina e a história das relações amorosas – O vôo da Fênix*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- JABOR, A. (2007). *Eu sei que vou te amar*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva.
- JUNG, C. G. e Von Franz M. L... et al (1875 - 1964). *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.
- JUNG, C. G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Editora Vozes.
- JUNG, C. G. (2002). *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis. Editora Vozes.
- JUNG, C. G. (2006). *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis. Editora Vozes.
- LINS, R. N. (2006). *A Cama na Varanda*. Rio de Janeiro. Editora Best Seller.
- MILLER, M. V. (1995). *Terrorismo Íntimo – A deterioração da vida erótica*. Editora Francisco Alves e Cia.
- NEUMANN, E. (2000). *O medo do feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo. Editora Paulus.
- PENNA, E. M. D. (2003). *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

- PENNA, E. M. D. (2006). *Metodologia de pesquisa na abordagem da Psicologia Analítica*. Pontifícia Universidade Católica. Texto não publicado.
- PENNA, E. M. D. (2006). *Jung e a pós-modernidade*. Revista SBPA in Junguiana 24, São Paulo.
- SANFORD, J. A. (1987). *Parceiros Invisíveis*. São Paulo. Edições Paulinas.
- SOUZA, R. M. (2008). *Começar de Novo: as Mulheres no Divórcio*. Em MEIRELLES (org.). *Mulher do Século XXI*. (pp. 51 – 65). São Paulo. Editora Roca.
- STEIN, M. (2006). *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo. Editora Cultrix.
- VARGAS, N. S. (1986). *O masculino e o feminino na interação homem-mulher*, Revista da SBPA in Junguiana 4, São Paulo.
- TOGNINI, M. L. (2007). *Dor crônica e a vivência do feminino: redescobrimo-se através da dança do ventre*. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.
- WHITMONT, E. C. (1969). *A Busca do Símbolo – conceitos básicos da Psicologia Analítica*. São Paulo. Editora Cultrix.